

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA- UFRB  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS- CAHL  
COLEGIADO DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL- SER

**AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DA JUVENTUDE RURAL DO  
MUNICÍPIO DE VALENÇA- BA**

JOÃO PAULO AGUIAR DE SOUSA

CACHOEIRA - BA  
MAIO - 2015

**JOÃO PAULO AGUIAR DE SOUSA**

**AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DA JUVENTUDE RURAL DO  
MUNICÍPIO DE VALENÇA- BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr. Diogo Valença de Azevedo Costa

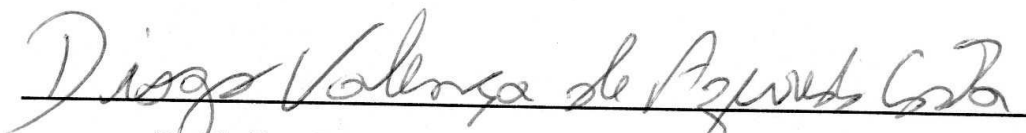
CACHOEIRA - BA  
MAIO-2015

JOÃO PAULO AGUIAR DE SOUSA

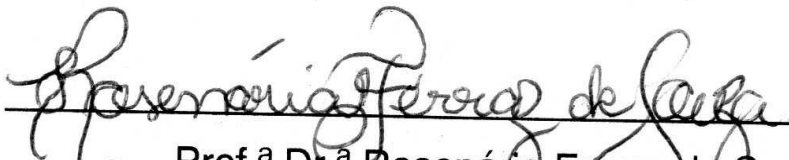
AS PERSPECTIVAS POLÍTICAS DA JUVENTUDE RURAL DO MUNICÍPIO DE  
VALENÇA- BA

Cachoeira – BA, aprovada em 25/05/2015.

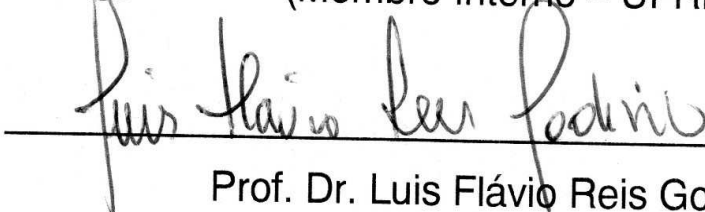
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Diogo Valença de Azevedo Costa  
(Orientador – UFRB)



Prof.ª Dr.ª Rosenária Ferraz de Souza  
(Membro Interno – UFRB)



Prof. Dr. Luis Flávio Reis Godinho  
(Membro Interno – UFRB)

*Aos meus pais **João e Valderês** a minha irmã **Paloma**, pois família para mim é tudo. Às juventudes rurais ainda invisibilizadas na literatura e nas políticas públicas, razão deste trabalho. E ao meu orientador e amigo **Professor Diogo Valença**, que fez-me acreditar que eu poderia ir além.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a **Deus**, Senhor da Vida, a razão de minha existência e história por mais uma vitória que proporcionastes-me alcançar, Ele me amou por primeiro. Com Seu braço forte ergueu-me nos momentos difíceis, quando tudo parecia está perdido, sempre fostes uma lâmpada acesa em minha frente. “Mesmo sendo tão pequeno me deste a autoridade de seu santo nome anunciar”. Tudo é do Pai, é Dele a vitória alcançada em minha vida, a Ele toda honra, toda Glória pelos Séculos sem fim! Amém!

Agradeço a minha família, presente de Deus em minha vida. Agradeço ao meu Pai **João Barreto** e a minha Mãe **Valderês Aguiar** meus maiores amores e melhores amigos. Essa conquista não teriam sentido se vocês não estivessem comigo nesta jornada. Desde o início apoiando as minhas escolhas e me ensinando a viver, saibam meus tesouros que vos amo muito. Agradeço a minha irmã, amiga, companheira de lutas: **Paloma Aguiar**, obrigado pelo carinho e dedicação, Te amo muito maninha! Obrigado Família por tudo, só vocês sabem o quanto foi difícil chegar até aqui.

Agradeço a minha grande família que sonhou comigo este sonho, saibam que cada um de vocês que me impulsionou a nunca desistir, nos momentos bons e de dificuldades estiveram sempre ao meu lado. Obrigado as minhas lindas Vozinhas, **Georgina e Zinzinha**, e ao meu Vô **Florêncio**, seu neto chegou lá. A minha tia e madrinha **Marinice** (Tia Nice) com quem partilhei de muitos momentos, obrigado pelo apoio. Obrigado as minhas tias **Maria, Carmizina e Kekeu** pelo apoio na minha formação. Obrigado as minhas tias **Juci, Val, Tude, Noelia, Mel, Maura e Loura**. Obrigado aos meus tios todos, em especial aos meus grandes amigos **Júlio** e sua Esposa **Alaíde**.

Agradeço a minha Comadre e prima **Ita** pelo presente que me deste, minha afilhada **Isadora**. Aos meus primos, em especial a **Juliana, Marlon, Marcone, Alana, Junior, Nólí, Norma, Marina, Maiane, Iraildes, Nilda, Irani, Mariana, Maíres, Isabele, Silvio, Juliana e Duda**.

Quero agradecer as minhas madrinhas e primas **Cida e Neide** e aos meus padrinhos **Roberto, Florêncio e Eraldo**, sempre presentes em meu coração.

Gratidão as minhas amigas **Dete e Branca** pelo incentivo e confiança, essa conquistas são de vocês também.

Agradeço as minhas primeiras professoras, que guardo sempre em minha memória, **Patrícia, Valdelice, Joíres e Simone.**

Não posso me esquecer dos meus amigos e amigas do Grupo Jovem Emanuel e da Pastoral da Juventude com quem dividir os últimos 08 anos, partilhei as alegrias e aprendi a sonhar as Utopias e lutar pela Civilização do Amor, em especial **Jeremias Nascimento, Alex, Débora, Jailton, Darci e Evilázio.** Agradeço a minha grande família FORÇA JOVEM CATÓLICA (FJC), a **Nívea, Fátima, Vanilza, Leide, Bruno, Amauri, Claudino, Laíne, Reinaldo, Manu, Robson, Jocélia** e os mais de 100 que passaram pelo grupo e que no grupo ainda estão, não posso citá-los, mas estão nomeados em meu coração.

Agradeço também a minha linda comunidade, minha base, com quem aprendi muito do que sei hoje, aí compartilhei muitas bênçãos e minha formação, obrigado a todos pelo incentivo e pelas orações. Agradeço aos meus companheiros de caminhada do setor Tremedal pela confiança e carinho dedicado.

Grato aos meus amigos do CEFET-BA (IFBA) pela linda história que juntos construímos: **Renilda, Lucy, Ives, Sâmeque, Henrique, Wesley, Alexsandra, Edson, e Priscila Cavalcante.**

Agradeço aos meus amigos do EV-SUS 5ª Edição com quem vivi os dez dias mais intensos da minha vida acadêmica: **Thays Sodré, Catiele, Diana, Deise Malta, Tamires Mayara, Edil** (meu irmão), **Daiana Ribeiro** – meu anjo enviado por Deus, que a vida sempre surpreende com os encontros e reencontros – e a **V nia e Karla** minhas queridas mediadoras. Gente, levarei vocês sempre na memória, “**Abr SUS**”.

Não posso deixar de agradecer a minha heterogênia turma, SESO 2011.1, que tanto me ensinaram, vivemos juntos muitas coisas, vocês marcaram a minha história. Agradecer aos meus amigos **Emanuelle, Jeremias, Elli, Eudes, Thaís Ambrosi**, que mesmo seguindo outros caminhos, moram no meu cora o. Grato as minhas queridas amigas, **Josi Viera** e **Nil** do IANE.

Quero agradecer a minha amiga **G ssica Ars nio** com quem partilhei a experiência do estágio no CAPS Nova Vida, Gel conte sempre comigo, obrigado pela leveza e paciência, traços essências de sua personalidade. Agradeço a minha supervisora **Ana Cláudia** pelo carinho com que sempre nos acolheu. Aos funcionários e usuários do CAPS pelo rico aprendizado despendido.

Agradeço as minhas amigas **Deise Lídia, Queila Patrícia, Fernanda Letícia, Fernanda Santana, Camila Menezes, Haiana Andrade** e ao meu amigo **Ricardo Silva.** A

Bíblia fala que quem encontra um amigo, encontro um tesouro, sou feliz por estes 07 tesouros, vocês me fazem tão bem! É muito amor envolvido!

Agradeço ao povo amado da UFRB, em especial, **Thays Calixto, Cleiton Liob, Mayse Andrade, Andréia, Rose, Sirley, Michele Dórea, Solange, Carine, Eliene Peixoto Camila Borges, Eline, Nana, Ângelo, Crislane Fiuza, Thaís Vieira, Dona Neusa, Eliane, Marcelo, Raell, Marivan, Nana Carla, Luciana e Valéria Cerqueira.**

Quero externar os meus agradecimentos aos membros do grupo de extensão e pesquisa GTSSSEDU, o Grupo de pesquisa *Orun Aiyê* e o Grupo Marxista, que tanto contribuíram com minha formação humana e profissional.

Agradeço aos mestres com que partilhei minhas angústias, com que tanto aprendi: **Albany Mendonça, Marcela Mary, Valéria Noronha, Simone Brandão, Lys, Henrique Rozendo, Ilzamar Silva Pereira e Rosemeire Guimarães.**

Já findando tenho que aqui expressar a minha gratidão as minhas amigas e mestres, que com carinho, humildade e leveza me acompanhou nesta trajetória, professora **Rose Ferraz e Márcia Clemente.**

Em especial quero agradecer a Professora **Rosenária Ferraz** e ao Professor **Luiz Flávio Reis Godinho** que aceitaram participar desta banca.

Agradeço ao meu mestre que com tanta sabedoria, humildade e paciência, me conduziu nesta caminhada, não foi fácil, mas a sua presença de orientador me fez acreditar que era possível, Obrigado Professor **Diogo Valença!**

Agradeço a **Cachoeira-BA**, terra de tantos poetas, de tantas cores, cantos encantos, de muita cultura e história, que nunca morrerá em minha memória.

Agradeço as minhas queridas **Taysa e Bárbara Damasceno** com quem tive a honra de conviver por 03 anos. Comeremos muitos cuscuzes e mortadelas naquela casinha verde do Curiaxito, fomos muito felizes, de coração meninas, sucesso vocês são merecedoras dessas conquistas e de muitas que virão por ai.

Por fim não poderia esquecer dela, que é mais que uma amiga, um anjo enviado a mim, **Lilian Souza**, todos os dias agradeço a Deus por ter cruzado nossas vidas nesta caminhada, obrigado minha amiga, minha irmã pelo amor, carinho, pela risadas, pela confiança e pela amizade. Lançando mão das palavras de minha amiga Tayza Santos, deixo esta prece: *“Que o amor seja eterno, que os momentos que aqui vivemos sejam guardados, que as amizades que aqui construímos sejam para sempre”*.

"A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar".

(Eduardo Galeano - O livro dos Abraços)



## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo investigar as perspectivas políticas dos jovens rurais no município de Valença-BA. Visando contribuir no processo de construção de saberes sobre a realidade juvenil rural neste território. A literatura constatou a invisibilidade dos jovens do campo na produção de conhecimento e nas políticas públicas. Os temas, migração rural-urbano e a agricultura familiar estão presentes direta ou indiretamente em todos os estudos que tivemos acesso. Os jovens no contexto brasileiro são sujeitos diversos, emersos numa diversidade de estratos sociais, que não nos permitem tomá-los como iguais. Os trabalhos mais recentes sobre a categoria juventude sugerem suprimirmos o uso do termo no singular em prol do plural: *juventudes*, por abarcar as diversidades e às especificidades destes sujeitos. A aproximação com o campo de pesquisa revelou a inexistência de sistematizações ou reflexões sobre os jovens rurais deste município. Por esta razão, nosso percurso neste trabalho monográfico constituiu-se numa pesquisa qualitativa de caráter exploratório. O estudo em tela reafirma a necessidade de novos estudos, em especial no Serviço Social que evidenciem as juventudes rurais, dando-lhe vez e voz, bem como novas políticas públicas que garantam a estes sujeitos a permanência no meio rural.

**Palavras- chaves:** Juventudes. Juventudes Rurais. Classe social. Estratificação social. Visão política.

## **ABSTRACT**

This study aims to investigate the political prospects of rural youth in the city of Valença-BA. To contribute in the knowledge construction process on rural youth situation in this territory. The literature found the invisibility of rural youth in the production of knowledge and public policy. The themes, rural-urban migration and family farms are directly or indirectly present in all the studies that had access. Young people in the Brazilian context are diverse subjects, emerged in a variety of social strata, which does not allow us to take them as equals. The most recent work on youth suggest suppress the use of the term in the singular for the sake of plural youths, by embracing the diversity and specificities of these subjects. The approach to the field of research revealed the lack of systematization or reflections on rural youth of this municipality. For this reason, our journey in this monograph constituted a qualitative research of exploratory nature. The study screen reaffirms the need for further studies, particularly in social work which depict the rural youths, giving him time and voice, and the need for new public policies that guarantee these guys to stay in rural areas.

**Key-Words:** Youths. Rural youths. Social class. Social stratification. Political vision.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> Produção Agrícola Municipal 2013.....	46
<b>Tabela 02</b> Números da Pecuária Municipal em 2013.....	47

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01:</b> População por sexo e Local de residência	42
<b>Figura 02:</b> Pirâmide etária- Valença-BA	44
<b>Gráfico 03:</b> Ocupação das terra por lavouras permanentes no município de Valença-BA	45

## **LISTA DE SIGLAS**

- CNTTL**- Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística
- CPT**- Comissão Pastoral da Terra
- FJP**- Fundação João Pinheiro
- IBGE**- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
- IDH**- Índice de Desenvolvimento Humano
- IDH-M** Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- IPEA**- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- MDA**- Ministério do Desenvolvimento Agrário
- NEAD**- Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural
- OIJ**- Organização Ibero-Americana da Juventude
- OMS**- Organização Mundial de Saúde
- ONU**- União das Nações Unidas
- PIB**- Produto Interno Bruto
- PJ**- Pastoral da Juventude
- PNUD**- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
- PSDB** – Partido da Social Democracia Brasileira
- PT**- Partido dos Trabalhadores
- SEI**- Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
- TCLE**- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- UFAM**- Universidade Federal do Amazonas
- UNESCO**- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1. JUVENTUDE RURAL: DESVENDADO A COMPLEXIDADE E A SINGULARIDADE DESTA CATEGORIA.....</b>	<b>17</b>
1.1 A categoria juventude em questão .....	18
1.2 Sociedades de classes e juventudes.....	25
1.3 Juventude Rural.....	30
1.3.1. Breve panorama do campo de estudos sobre a juventude rural no Brasil.....	31
1.3.2 As particularidades das juventudes rurais no Brasil.....	33
<b>2. AS JUVENTUDES RURAIS NO MUNICÍPIO DE VALENÇA-BA.....</b>	<b>40</b>
2.1 Características socioeconômicas do município de Valença-BA.....	41
2.1.1. As juventudes e a agricultura familiar no município de Valença-BA.....	43
2.2 Métodos e técnicas de investigação da pesquisa sobre a visão política dos jovens rurais de Valença-BA .....	48
2.2.1 A ida ao campo: desafios e riquezas .....	49
<b>3. OS JOVENS RURAIS DE VALENÇA-BA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>53</b>
3.1. Por que a análise de conteúdo? .....	54
3.2. Temas tratados nas entrevistas .....	56
3.2.1. Educação .....	58
3.2. 2. Lazer.....	60
3.2.3. Trabalho .....	61
3.2.4. Campo x Cidade .....	63
3.2.5. Visão política da juventude rural .....	65
3.3. Panorama geral das entrevistas: um esforço de síntese.....	68
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO: .....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICES:.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar as perspectivas políticas dos jovens rurais no município de Valença-BA. Contribuindo no processo de construção de saberes e visibilidade da realidade juvenil rural, bem como adensar a investigação das particularidades da juventude rural neste território.

Falar de juventude implica inserir-se em um debate complexo, controverso, e ainda pouco unânime na literatura. Este debate nos desafia a tirar do lugar de invisibilidade que estes sujeitos se localizaram por muito tempo na produção do conhecimento e nas políticas públicas no Brasil.

Esta investigação é fruto de uma aspiração pessoal, política e ideológica. Que amadureceu durante a minha graduação em Serviço Social e na militância na Pastoral da Juventude (PJ), no qual faço parte desde 2008. Os jovens do campo ainda são sujeitos subsumidos nos debates acadêmicos e políticos, por esta razão, sendo parte desta realidade, entendo que é preciso colaborar no tencionamento deste campo, o presente estudo é um primeiro passo nesta direção.

Tendo em vista que não encontramos nenhum trabalho sobre a temática no lócus de nossa investigação, nossa escolha metodológica parte do caráter exploratório deste estudo. Neste sentido optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo, com aporte na técnica de entrevista semi-estruturada. Foram entrevistados 07 jovens residentes em duas comunidades rurais do município de Valença. A metodologia usada na sistematização dos dados foi a análise de conteúdo.

Este trabalho monográfico está dividido em três capítulos. O primeiro deles, intitulado “*Juventude rural: desvendando a complexidade e a singularidade desta categoria*”, realizaremos um debate, trazendo os principais estudos que permeiam a categoria juventude no Brasil, evidenciando os jovens na sociedade de classes. Posteriormente adentramos no foco de nossa análise, que é a juventude rural. Em síntese o nosso intuito é inicial, é situar o debate atual sobre esta categoria, apresentando a diversidade da juventude rural e as principais problemáticas que lhes afetam.

No segundo capítulo “*As juventudes rurais no município de Valença-BA*”. Objetivamos expor a realidade do município em cerne. A princípio, caracterizaremos este território em seus aspectos socioeconômicos, as particularidades dos jovens neste contexto e algumas singularidades do universo rural neste município. Em seguida, esboçaremos sobre a

base metodológica que nos norteou neste estudo e as escolhas das técnicas de investigação. Acrescido a isto, realizaremos um breve relato de como se deu o processo de investigação, a ida ao campo e seus desafios, riquezas, as escolhas dos sujeitos pesquisados e um perfil dos jovens entrevistados.

No terceiro capítulo cujo título é *“Os jovens rurais de Valença-BA: análise das entrevistas”* apresentaremos a metodologia utilizada no tratamento dos dados, que é a análise de conteúdo, também abordaremos os principais temas tratados nas entrevistas, dando voz aos jovens entrevistados e por fim, faremos uma síntese de todas as entrevistas segundo seus diversos temas.

Na guisa de conclusão faremos uma breve retomada da discussão realizada ao longo do trabalho, apresentando algumas hipóteses que subsidiarão futuras reflexões e investigações neste campo, problematizando o lugar do Serviço Social neste debate.



## **1. JUVENTUDE RURAL: DESVENDADO A COMPLEXIDADE E A SINGULARIDADE DESTA CATEGORIA.**

A princípio, cabe aqui salientar que falar de juventude implica inserir-se em um debate muito complexo, controverso, e ainda pouco unânime na literatura. Tal problemática perpassa a sociologia e seus clássicos, e outros ramos das ciências sociais. Outro fator que nos desafia, é pensar dentro de uma heterogeneidade de jovens, de uma categoria ainda pouco evidenciada nos estudos, que é a juventude rural.

Os incipientes estudos sobre a juventude rural refletem-se na pouca variedade de políticas sociais para este seguimento, contribui para a perda da identidade desses jovens, além de processos migratórios para os centros urbanos, ainda muito comuns. Parafraseando Castro, este estudo vem contribuir para “vencer a invisibilidade” da categoria juventude rural (CASTRO *et al.* 2009).

Dito isto, iniciaremos este estudo trazendo um pouco do debate que permeia a categoria juventude. Aqui mencionaremos a percepção das gerações de Mannheim (1982), a questão da definição juvenil com base na faixa etária e a perspectiva da transitoriedade chegando ao debate atual do uso do termo *juventudes*. No segundo momento nosso percurso evidenciará a juventude na sociedade de classes. Por fim abordaremos o foco deste estudo, a juventude rural, nosso intuito é situar o debate atual sobre esta categoria, a diversidade da juventude rural e um breve panorama das principais problemáticas que lhes afetam.

Queremos neste primeiro capítulo apresentar os esforços das produções acadêmicas na busca de uma definição para a categoria Juventude e as particularidades da juventude rural no Brasil, para num segundo momento situar a realidade do município de Valença- BA. Dada a diversidade da juventude rural, este não é um estudo conclusivo, é antes de tudo um empenho para evidenciar uma categoria ainda pouco pesquisada, com a qual esperamos responder e questionar a realidade brasileira.

## 1.1 A categoria juventude em questão

Até o início da década de 1960 o tema juventude era considerado marginal para a maioria dos autores (CASTRO *et al.* 2009, p.40-41). Os estudos ganham força no final do século XX e no início deste século XXI. Majoritariamente os estudos retratam a juventude urbana, com enfoque na violência.

Ainda que pensar o conceito de juventude implique, obrigatoriamente, na tomada de um caminho permeado por muitas tensões, como nos diz Esteves e Abramovay (2007, p. 21), este caminho nos é necessário. Tendo em vista a diversidade de conceitos e a heterogeneidade de significados que esta categoria carrega, falar de juventude é muito complexo e não se esgota num trabalho como este. Ainda não há um consenso na literatura que trata desta temática. O que temos são abordagens sob diversas perspectivas e a junção de algumas perspectivas com outras.

Segundo Pochmann (2004, p.217):

Ao longo do ciclo de vida humana, a juventude tem sido identificada como uma fase etária intermediária, de transição da adolescência para a adulta. Devido a sua complexidade, essa fase etária, geralmente de dependência econômica e associada à educação e à formação – próxima da constituição de uma vida familiar e profissional própria –, vem deixando de ser cada vez mais um espaço de decisão privada para se transformar em agenda de intervenção pública.

Neste trecho acima, Pochmann elenca alguns dos principais aspectos que dizem respeito à juventude na literatura: fase ou faixa etária intermediária, transitoriedade e fase de dependência econômica. O autor complementa que nas análises realizadas sobre a condição juvenil duas abordagens se sobressaem, a primeira delas com enfoque biopsicológico “busca retratar os saberes do ser jovem vinculado à temática transitoriedade” (idem, p.219). E o segundo enfoque teórico é sociocultural, que é o ser jovem, modo de vida com linguagens próprias, modo vestir, relacionamento em grupo.

Pochmann considera em sua investigação uma condição juvenil, que é uma fase de transição à vida adulta marcada pela dependência financeira dos pais. Em sua concepção lança mão do constante alargamento da faixa etária para a juventude, já que nesta “sociedade do conhecimento” (p.223) o jovem estuda mais tempo que seus antepassados e começam a trabalhar mais tarde.

No estudo realizado por Weisheimer<sup>1</sup> (2005), elencam-se cinco abordagens de juventude nas definições conceituais sobre a juventude rural, mas que se aplicam relevantemente na abordagem da categoria juventude de modo universal. São elas: 1- Juventude como faixa etária; 2- Juventude como período de transição ou ciclo de vida; 3- O enfoque nas gerações; 4- Juventude como cultura ou modo de vida; 5- Juventude como representação social e auto-representação. A seguir apresentaremos estas perspectivas para subsidiar um debate mais rico e não apenas unilateral.

Na primeira abordagem o autor discute a juventude sob a perspectiva de faixa etária, muito recorrente e utilizada na formulação das políticas sociais, pelos organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), constituídas a partir de limites mínimos e máximos de idade. “No Brasil o IBGE classifica como jovens as pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Para fins de Políticas Públicas, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 16 e 29 anos” (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011: 9). Weisheimer (2005, p. 21) apresenta alguns destes organismos e leis e a faixa etária que considera como juventude:

[...] Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência é definida como um processo fundamentalmente biológico, abrange as etapas da pré-adolescência (10-14 anos) e a adolescência (15-19 anos). A Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ, 1994) e a Organização Internacional da Juventude usam a faixa entre 15 e 24 anos (Unesco, 1997). No Brasil, a abordagem demográfica do IBGE classifica o “grupo jovem” entre 15 e 24 anos em três recortes etários: 15-17 anos como jovens-adolescentes; 18-20 anos como jovens-jovens e 21-24 anos como jovens-adultos (Baeninger, 1998: 26). De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se adolescente a pessoa na faixa de 12 a 18 anos (Lei nº 8.069 de 13/07/1990).

Edmundo Sustaita (1968, p.205) nos alerta que os jovens em pesquisas têm sido definidos em diferentes limites de idades, “tais limites alcançam a variação máxima entre 15 e 29 anos, mas na maioria dos trabalhos usa-se o termo juventude para se referir ao grupo de jovens compreendidos entre 15 e 24 anos”.

Imerso nesta perspectiva de juventude como faixa etária, no ano de 2013 foi aprovado no Brasil o Estatuto da Juventude<sup>2</sup> e para os efeitos desta lei são considerados “jovens aquelas pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade” (BRASIL, ESTATUTO DA JUVENTUDE, Cap.1, Art. 1º, inciso 2º, 2013). Cabe salientar que esta definição é que serve

---

<sup>1</sup>No Estudo intitulado “Juventudes rurais- Mapa de Estudos Recentes” apresentam-se os resultados da análise das publicações brasileiras no recorte temporal de 1990 a 2004 que tinham como foco a juventude rural. O estudo foi solicitado pelo Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural (NEAD), vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e foi desenvolvido por Nilson Weisheimer.

<sup>2</sup> Lei Nº 12.852, de 5 de agosto de 2013.

de parâmetro e diretrizes na construção das políticas públicas para a juventude atualmente em nosso país.

Weisheimer (2005, p.21) critica a definição de limites etários, considerando arbitrária, pois não dá conta das diferenças entre a idade biológica e a idade social. Esse autor elucida ainda,

[...] que a fronteira que separa juventude e maturidade corresponde, em todas as sociedades, a um jogo de lutas e manipulações, visto que as divisões entre idades são arbitrárias e que a fronteira que separa a juventude e a velhice é um objeto de disputa que envolve a dimensão das relações de poder. É importante destacar que, como qualquer outra forma de classificação, suas fronteiras são socialmente construídas.

Neste sentido, arbitrar um conceito etário na visão biológica acaba excluindo aqueles sujeitos que socialmente não tenham a idade que o define como jovem, mas continuam a viver e agir como se ainda fossem, já que, como bem elucidou Weisheimer, as fronteiras entre o jovem e o adulto são socialmente edificadas.

Na segunda vertente apresentada por Weisheimer (2005), juventude é conceituada como período de transição ou ciclo de vida. Segundo o autor nesta perspectiva,

“o termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade<sup>3</sup>. O estabelecimento do término da juventude varia segundo critérios e pontos de vista adotados para determinar se as pessoas são jovens” (2005, p.21).

Segundo Weisheimer, desde que a definição de juventude como período de transição foi assumida pela UNESCO a partir da Conferência Internacional sobre Juventude, realizada em Grenoble (1964), vem sendo amplamente utilizada por pesquisadores. Segundo ele, nesta perspectiva,

[...] a ideia central é de que a juventude é um estágio no qual acontece a entrada na vida social plena e que, como situação de passagem, compõe uma condição de relatividade: de direitos e deveres, de responsabilidade e independência mais amplas do que as das crianças e não tão completas quanto as dos adultos (ABRAMO *apud* WEISHEIMER, 2005, p.21).

Neste intuito, tal perspectiva reitera a condição de inserção no mercado de trabalho, como determinante para transição à vida adulta, ou ainda na divisão da sociedade em ativos (adultos) e inativos (os jovens). Se adotarmos esta vertente, o jovem seria aquele sujeito intermediário, incapaz de produzir uma cultura própria. Já os jovens da classe trabalhadora seriam excluídos desta categoria, visto que trabalham desde muito cedo, em especial a juventude trabalhadora do campo, que deixam a escola para a lida no trabalho rural.

---

<sup>3</sup> “[...] Fase de amadurecimento sexual das crianças, que marca a transição do corpo infantil para as funções adultas da procriação [...]”. (KEHL, 2004, p.90).

Contrapondo esta óptica de transitoriedade, Castro nos afirma que o peso da transitoriedade aparece como uma “marca” recorrente nas definições e percepções sobre juventude, nos mais diferentes cenários e contextos (CASTRO *et al.* 2009, p. 43). No entendimento destes autores (2009, p. 41) “uma leitura comum atravessa o campo temático da juventude e reforça relações de poder e hierarquia social: Juventude como o período de transição para a vida adulta”.

Neste ponto de vista predomina a visão do jovem como imaturo, irresponsável e sem poder de decisão. Na concepção de Castro, a “[...] juventude é percebida, assim, como uma categoria social que via de regra, relega aqueles assim identificados a um espaço de subalternidade nas relações sociais, paradoxalmente, jovem é associado a futuro e à transformação social” (*idem*, 2009, p. 43). Neste período o jovem seria uma espécie de metade adulta e outra ainda criança, justificando assim a dita imaturidade, a falta de experiência deste segmento social. Em outras palavras, privilegiar a característica de transitoriedade acaba por transferir ao jovem, “[...] a imagem de pessoas em formação, incompletas, sem vivências, sem experiência, indivíduos, ou grupo de indivíduos que precisam ser regulados, encaminhados” (2009, p.43).

Este pensamento relega a visão dos jovens como aqueles que não querem nada com a vida, *que não levam as coisas a sério*, ou ainda “*adultas em potencial*” (CASTRO *et al.*, 2009, p.43, *grifos dos autores*). Justifica a subalternidade do jovem nas relações com os adultos. É muito comum a desconfiança dos adultos ao delegar uma tarefa ao jovem ou creditar ou validar as falas dos jovens nos espaços de decisão, ou ainda na tentativa de inserção no mercado de trabalho, exemplificada nas falas corriqueiras: “*Mas ele não é jovem demais!*”, “*Esta vaga exige muita experiência!*”.

A terceira abordagem apresentada por Weisheimer é a definição de juventude com enfoque na ideia de geração e tem como referência a obra de Karl Mannheim. Segundo este autor, a geração seria um fenômeno social, que representa um tipo particular de identidade de situação. Para Mannheim “os indivíduos que pertencem à mesma geração, que nasceram no mesmo ano, são dotados, nessa medida, de uma situação comum na dimensão histórica do processo social” (1982, p.71). Neste sentido, a geração toma uma dimensão de unidade de vivência no mesmo processo histórico de um grupo social, neste caso, a juventude.

Mannheim defende a tese de que a juventude por não ter vivido as mesmas experiências que os adultos, acabam questionando as regras, padrões sociais etc. Esta

inexperiência ou imaturidade produz esperanças de uma vida melhor no futuro, planos e projetos novos de vida. Segundo Mannheim,

[...] Ser capaz de começar do zero uma nova vida, construir um novo destino, um novo quadro de antecipações, a partir de um novo conjunto de experiências, são coisas que só podem surgir no mundo através de um novo nascimento. Tudo isso está implicando no fator de rejuvenescimento social. (1982, p.78-79).

Os jovens nesta perspectiva seriam a força latente, que renova a sociedade. Este indivíduo parte de um grupo geracional, que participaram juntos de um mesmo processo histórico, marcado pelas divergências com as gerações mais antigas, que já sabem como reagir em dadas situações. Os jovens não têm medo de questionar as imposições, enquanto os adultos acabam se ajustando e conformando com o *status quo*. Estes fatores acabam por implicar no que o autor chama de “rejuvenescimento social”.

Em síntese, o jovem é quem move o mundo, protagonista das mudanças para o autor, desde que a sociedade apostasse nesta força latente. Complementa Mannheim que “na linguagem da sociologia ser jovem significaria, sobretudo ser um homem marginal, em muitos aspectos um estranho ao grupo” (1968, p.75).

Weisheimer argumenta que neste aspecto,

[...] tem-se a ideia “ingênua” de que os jovens são inerentemente contestadores, ou “cética”, de que essa “rebelião” é necessariamente transitória, como a juventude. Em outra, a juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, enfatizando-se sua capacidade criadora e inventiva. Os jovens são percebidos como parte dos recursos latentes de que a sociedade dispõe, e de seu engajamento depende sua vitalidade. (2005, p.22-23).

Concordando com Weisheimer, a visão geracional reduz características específicas de indivíduos a toda uma geração. Pensar que todo jovem é um inerente revolucionário e todo adulto conservador é um dos grandes problemas deste pensamento. Esta representação geracional não dá conta da heterogeneidade que é a categoria juventude. Ianni (1968, p.239) nos respalda dizendo:

[...] que há aqueles que entram no período da adolescência sem apresentar qualquer tendência a desenvolver atuação política radical. São indivíduos que ou não manifestam qualquer sintoma de inconformismo ou passam a assumir atitudes que ainda que socialmente são reprovadas, não possuem a menor significação política [...].

A quarta vertente apontada por Weisheimer é a perspectiva de juventude como cultura ou modo de vida. “Esta abordagem argumenta que a juventude se define por critérios culturais dando destaque a uma cultura jovem e à importância de espaços de sociabilidade juvenis na constituição de suas identidades” (2005 p.23). Complementa o autor, a mídia seria a principal

construtora desta cultura juvenil, intimamente ligada à sociedade de consumo. A principal crítica tecida a esta abordagem é dada na sua tentativa de unificar a juventude em um ideal urbano, consumista sem reconhecer a heterogeneidade e riqueza desta categoria.

Por fim, a última vertente apresentada por Weisheimer (2005) é a Juventude como representação social e auto-representação:

Segundo esta abordagem teórica, o termo “juventude” designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Mais do que uma faixa etária, fala-se em *condição juvenil*, que aparece como uma posição na hierarquia social fundada em representações sociais, ou seja, busca-se apreender os significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. Esses critérios de inclusão e exclusão são socialmente construídos, tornando-se móveis suas fronteiras [...] (p. 24).

Esta última perspectiva apresentada por Weisheimer fica muito evidente no trabalho de Gaviria e Menasche (2006, p.70):

[...] Notamos que “o jovem” do qual tratamos não é definido por uma faixa etária, por um critério biológico, mas pela fase de transição entre a subordinação- à autoridade na unidade familiar e na comunidade – e a sua emancipação, processo de transição esse que é marcado por elementos específicos em cada comunidade, o que faz com que o sentido da categoria jovem não seja homogêneo.

Weisheimer (2005, p.24) evidencia que essas “representações sociais remetem à ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência plena na infância a outra, de plena independência na idade adulta”. Neste sentido esta perspectiva,

[...] retém a ideia de que os jovens estariam sujeitos à incorporação de uma série de papéis sociais ou funções socialmente atribuídas pelos processos de socialização. A alternância de papéis sociais e de processos de socialização que marcam a condição juvenil está voltada a assegurar a reprodução ou a continuidade social. (*idem*, p.24).

Weisheimer salienta ainda, “o fato de que em diversos trabalhos localizados tomam-se os jovens como objeto de estudo, mas frequentemente não problematizam o próprio objeto, ou seja, a juventude como uma construção social em disputa” (2005, p.28). Tal evidência do autor é muito pertinente, pois na maior parte da literatura com que tivemos contato, não se apresenta “o jovem por si mesmo” (ESTEVES; ABRAMOVAY 2007).

Reafirmando o que foi dito anteriormente, a categoria juventude vem sendo estudada sob diversas ópticas. Além da sistematização de Nilson Weisheimer, há outros trabalhos de igual importância, que por falta de tempo e não ser o objetivo central deste estudo, uma

caracterização exaustiva do estado da arte neste campo de investigações não discutiremos aqui, mas que posteriormente podem ser aprofundados, examinando as referências aqui sinalizadas.

Na concepção de Castro o debate sobre a categoria juventude é “[...] permeada por definições genéricas, associadas a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada e adjetivada, sem que se busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como jovens” (CASTRO, 2009, p.181).

Ainda na busca de uma definição, Ribeiro (2004, p.27) nos apresenta uma reflexão importante,

[...] a juventude atualmente constitui um certo ideal social que talvez jamais termine. A ideia de liberdade pessoal, em nossa sociedade, está marcada por valores que associamos à mocidade. O corpo bem cuidado, a saúde, a liberdade até mesmo de desfazer relacionamentos, a possibilidade de sucessivos recomeços afetivos e profissionais: tudo isso tem a ver com uma conversão do humano jovem.

Neste ponto, o autor diz respeito a um fator que caracteriza a juventude atual, o ideal de beleza, que é difundido largamente pelas mídias de massa, bem como um padrão a ser seguido socialmente. O adulto busca fazer uma regressão ou mesmo postergar em seu corpo características da fase adulta, o jovem neste horizonte é um sujeito positivado. Entretanto, a juventude ainda é muito heterogênea para reduzi-las a tais dimensões. Ou como nos dizem Esteves e Abramovay (2007, p. 21):

A realidade social demonstra, no entanto, que não existe somente um tipo de juventude, mas grupos juvenis que constituem um conjunto heterogêneo, com diferentes parcelas de oportunidades, dificuldades, facilidades e poder nas sociedades. Nesse sentido, a juventude, por definição, é uma construção social, ou seja, a produção de uma determinada sociedade originada a partir das múltiplas formas como ela vê os jovens, produção na qual se conjugam, entre outros fatores, estereótipos, momentos históricos, múltiplas referências, além de diferentes e diversificadas situações de classe, gênero, etnia, grupo etc.

Segundo Mandelli, Soares e Lisboa (2011, *grifos nossos*) “entender a juventude como pluralidade teve início com Pierre Bourdieu, em uma entrevista em 1978, publicada em *Les jeunes et le premier emploi, Paris*”. Segundo as autoras,

Assumir a multiplicidade em relação à juventude é também assumir um posicionamento que busca retirar o caráter ideológico que atribui veracidade a apenas uma realidade específica e que acaba tornando-se marca do conceito de adolescência.

Já findando sobre a breve apresentação acerca da discussão sobre a categoria juventude, cabe aqui expor a concepção atual, que será de muita valia em nosso caminho no andamento deste trabalho. Na contemporaneidade



[...] tornou-se usual empregar a expressão *juventudes* para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens” (AQUINO, 2009, p.31, *grifo do autor*).

Na concepção de Weisheimer, reafirma-se este pensamento:

As interpretações sobre a condição juvenil demonstram que esta é uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada, o que implica considerá-la uma realidade múltipla, visto que os jovens não formam um todo homogêneo. Quando se consideram as diferenças de classe social, etnia e gênero, por exemplo, percebem-se distinções relativas às posições ocupadas nos espaços sociais – que por sua vez são diferentes entre si – e aos processos de socialização. Nesse sentido, é mais correto privilegiar as noções de *juventudes* [...] (2005, p.26).

É nesta teia de significados, experiências, saberes e diversidades que a juventude deve ser pensada atualmente. O uso de *juventudes* no plural, ao invés de juventude no singular é o mais sensato no nosso ponto de vista. A problematização já aqui salientada nos fundamenta a lançarmos mão desta perspectiva, por abarcar a heterogeneidade desta categoria, sem exclusões. Em outras palavras,

[...] ao optarmos por essa compreensão, poderemos levar em conta particularidades e até aspectos singulares sem cair numa perspectiva atomizada. Os sujeitos jovens (ou as juventudes) teimam em ser uma unidade do diverso econômico, cultural, étnico, de gênero, de religião etc. (FRIGOTTO, 2004, p. 181).

Aqui não trouxemos todas as perspectivas que tratam da categoria, mas fizemos um esforço de síntese das principais vertentes, procurando dimensionar a grandeza deste debate, que vem ganhando centralidade na sociologia e os grandes aportes que vêm nos dando os estudos neste campo. Objetivando um caminho que parte do universo *Juventudes*, para compreendermos posteriormente quem são os jovens rurais. Entretanto, antes disto é necessário situarmos a Juventude na sociedade de classe no contexto brasileiro.

## 1.2 Sociedades de classes e juventudes

Falar de juventude requer situar o cenário em que estes sujeitos se inserem socialmente. Neste percurso é necessário adentrarmos em duas categorias chaves, que *a posteriori* subsidiarão a análise dos dados colhidos na pesquisa, quais são: estratificação social e classe social. Levando em conta que este é um trabalho inicial, a segunda categoria apresentada será privilegiada, mas não deixando de realçar que as demais possuem também a

sua relevância. Entretanto, neste momento não há condições objetivas de abarcá-las e analisá-las com toda profundidade nos limites de um trabalho monográfico, pois tentar ir além poderia conduzir ao risco de perder o foco desta investigação.

Os sociólogos costumam falar em estratificação social quando descrevem as desigualdades existentes entre os indivíduos e os grupos dentro da sociedade humana (GIDDENS, 2005, p.234). A estratificação social refere-se a diversos atributos tais como raça, gênero, idade, afiliação religiosa ou posto militar. Nas palavras de Giddens:

Os indivíduos e os grupos usufruem de um acesso diferencial (desigual) às recompensas, com base em sua posição social no esquema de estratificação. Assim a estratificação pode ser definida, de um modo mais simples, como as desigualdades estruturadas entre diferentes agrupamentos de pessoas.

Giddens compara o conceito de estratificação social aos assentamentos geológicos de rochas em camadas na superfície da terra, “as sociedades podem ser vistas como constituídas de *estratos* em uma hierarquia, na qual os mais favorecidos encontram-se no topo, e os menos privilegiados [...] na base” (2005, p.234, *grifo nosso*).

Historicamente nas sociedades humanas existiram quatro sistemas de estratificação: a casta, a escravidão, o estamento e a classe. A casta estrutura o tipo de contato que pode acontecer entre membros de diferentes *status* sociais, este modelo está associada à cultura indiana e aos adeptos do hindu. Enquanto a escravidão é uma forma extrema de desigualdade, na qual literalmente um ser é considerado posse de outro. Já o estamento fez parte de muitas civilizações tradicionais, em especial a feudal e consistia na divisão social em três blocos: no topo a aristocracia e a nobreza, logo abaixo o clero e na base os servos, mercadores e artesãos (*idem*, p.234).

A classe vai diferir dos demais tipos de estratificação em muitos aspectos, mas fundamentalmente segundo Giddens a base deste sistema é a posse da riqueza e a profissão ou função que exerce na esfera da produção.

Este modelo de divisão social em classes é fruto da sociedade burguesa, cabe considerar que sempre houve desigualdades sociais, entretanto, tínhamos anteriormente estruturas baseadas em ideologia religiosa e justificadas pelo poder ou força, mas o modelo de classe difere das demais, pois

[...] são normalmente mais mutáveis que os outros tipos de estratificações, [...] as fronteiras entre as classes nunca são claras; [...] a possibilidade de mobilidade social; [...] desigualdades na posse e no controle de recursos materiais; [...] os sistemas de classes funcionam principalmente por meio de conexões de larga escala com caráter impessoal [...] (*idem*, p.234).

Na leitura marxiana classe pode ser definida como “grupo de pessoas que se encontram em uma relação comum com os meios de produção” (*idem*, p.235). Neste sentido, nas sociedades capitalistas nós temos duas classes essenciais, a primeira constituída pelos donos dos meios de produção (as máquinas, aparelhos, utensílios, necessários à produção), os capitalistas ou a burguesia. A segunda composta por aqueles sujeitos desprovidos dos meios de produção, que vendem suas forças de trabalho em troca de um dado salário, que é classe trabalhadora ou a classe que vive do trabalho, ou ainda o proletariado. “A luta de classes nada mais é do que o confronto dessas classes antagônicas” (CAMARGO, 2015).

Em poucas palavras, podemos considerar classe social como situação dos indivíduos no mundo da produção capitalista e a consciência social daí decorrente. Vale elucidar que na sociedade burguesa as riquezas são produzidas em escala antes inimagináveis. O operário não terá acesso à riqueza fruto do seu trabalho, pelo contrário é apropriada e acumulada pela burguesia, daí advêm as raízes das desigualdades entre as classes na sociedade capitalista.

No universo da classe encontramos uma diversidade de condições ou situações de classe, que são os estratos de classe. Tomamos como exemplo a classe trabalhadora, alguns desses estratos são: trabalhadores de grandes empresas que são bem remunerados, enquanto outros recebem um salário parco, ainda aqueles que estão desempregados ou aqueles indivíduos que nunca trabalharam – a juventude em sua grande maioria não está inserida no mercado de trabalho – outros como os pequenos agricultores ou os despossuídos de terras etc. Esta diversidade é adensada por outras categorias transversais como raça, gênero, idade, estilo de vida, nível de escolaridade.

Os jovens enquanto categoria heterogênea situam-se na sociedade numa diversidade de situações de classe, que não podemos generalizá-las como única. O modo de ser jovem difere muito a depender do estrato de renda, “ainda que a fase juvenil esteja presente em todas as classes, nota-se que ela não ocorre de forma homogênea a todas” (POCHMANN, 2004, p.231). Mais uma vez utilizaremos o exemplo da classe trabalhadora, o jovem filho da classe trabalhadora urbana é diferente do jovem rural. Dentro do universo rural podemos encontrar uma diversidade de estratos sociais, o jovem ribeirinho da região amazônica é distinto do jovem agricultor do Sul do país, na mesma região encontraremos jovens filhos de grandes pecuaristas e outros que não possuem terras para cultivá-la.

Segundo Pochmann o período juvenil na sociedade de classe geralmente é obscurecido, pois o retratam como fase duradoura, “[...] isso acontece frequentemente porque a referência das informações sobre a juventude concentra-se, na maior parte das vezes, nos

jovens pertencentes às camadas privilegiadas [...]” (2004, p.231). Em contraponto os jovens pobres não possuem as mesmas condições favoráveis para postergar este período.

Frigotto (2004) elenca que os jovens filhos da classe trabalhadora “tendem a sofrer um processo precoce de adultização, sua inserção no mercado formal ou informal é precária em termos de condições e níveis de remuneração”. A necessidade de sobrevivência acaba levando uma grande parcela dos jovens a deixarem a escola ou na maioria das vezes não é dada a possibilidade de adentrar no ensino superior após a conclusão do nível médio, por conseguinte acabam ingressando nos postos de trabalho mais precários (FRIGOTTO, 2004, p. 181-182). Já os jovens pertencentes às classes médias e da classe alta estendem suas infâncias e a juventude, inserem-se no mercado de trabalho por volta dos 25 anos e logo ocupam os melhores postos, dada a sua melhor formação (*ibidem*, p. 182).

Na investigação realizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2009, aponta-se a juventude brasileira como uma juventude trabalhadora,

[...] mesmo considerando a diminuição das taxas de participação no mercado de trabalho nos últimos anos, a juventude brasileira tem se esforçado para combinar trabalho e estudo. Porém o documento revela um ingresso ao mercado de trabalho, predominantemente aos 18 anos e fortemente marcado por desigualdades sociais. Os jovens de renda mais elevada estão sujeitos a menores índices de desemprego. A chamada “inatividade” juvenil atinge mais intensamente jovens mulheres e negras. Os trabalhos informais são ocupados sobretudo por jovens de baixa renda e baixa escolaridade, mulheres e principalmente por jovens negros de ambos os sexos (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Transportes e Logística (CNTTL) 2014).

Outro agravante, que incide sobre os jovens filhos da classe que vive do trabalho, localiza-se nas grandes massas de excedentes do mercado de trabalho<sup>4</sup>. Há ainda números expressivos de jovens desempregados ou despossuídos de terra. Em poucas palavras, não há postos de trabalhos suficientes para todos, nem terra para o cultivo. Os jovens excedentes por vezes acabam sendo recrutados para o mundo do crime ou se submetem a trabalhos precários de má remuneração sem direitos trabalhistas assegurados. Além das dificuldades de inserção no mercado de trabalho no Brasil, Pochmann salienta ainda,

Deve-se considerar as consequências negativas disso tudo para a juventude. Mais uma vez, observa-se que a natureza de classe da sociedade brasileira impõe condições diferenciadas à juventude. Para parcela significativa de jovens, filhos de pais pertencentes às classes de renda média e alta tem havido uma pressão considerável para o abandono do país em busca de melhores perspectivas ocupacionais e de renda, enquanto aos jovens, filhos de pais pobres a violência tem

---

<sup>4</sup> Segundo Marcio Pochmann (2004, p.233) “desde o início da década de 1980, quando o Brasil abandonou seu projeto de industrialização nacional, o mercado de trabalho tornou-se extremamente desfavorável ao conjunto das classes trabalhadoras, especialmente aos jovens”.

emergido em meio à falta de um horizonte de ocupação e renda decente. (2004, p.233-234).

O autor pontua, referindo-se à violência no Brasil, que “o ambiente que ocorrem as mortes por homicídios entre jovens, embora diga respeito a um conjunto grande de motivos, está relacionado, sobretudo ao grau de vulnerabilidade juvenil” (POCHMANN, 2004, p. 237). Tal vulnerabilidade está associada, entre outras coisas, a concentração de uma grande fatia das riquezas nas mãos de uma pequena parcela social, contribuindo “decisivamente para a produção e a reprodução da violência juvenil” (*ibidem*).

Considerando alguns avanços nas políticas sociais para universalização da educação, que por vezes posterga a entrada dos jovens no mercado de trabalho, Pochmann (2004, p.223) assinala que “[...] na maior parte das vezes os jovens não conseguem obter condições de vida e trabalho superiores às de seus pais, mesmo possuindo níveis de escolaridade e formação profissional superiores”. O autor ainda elenca que a dependência econômica juvenil vem se tornando uma constante na sociedade burguesa, levando à subordinação dos jovens em relações aos pais e provocando constantes embates intergeracionais.

A dependência e a hierarquia são fatores que marcam a relação da juventude na sociedade de classe, sobretudo a juventude do campo. Castro (*apud* CASTRO, 2009, p. 189, *grifos do autor*) aponta que “ser *jovem rural* carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão, em um contexto ainda marcado por difíceis condições econômicas e sociais para a produção familiar”.

Antes de prosseguirmos, cabe uma apresentação do que entendemos neste trabalho como perspectivas políticas da juventude. Segundo Ribeiro (2004, p.19) atualmente costumamos remontar a palavra “política” à *polis*, à cidade-estado grega. O autor complementa dizendo que seja qual for a etimologia, “o que caracteriza a política, seu núcleo duro, seu cerne irreduzível, é o de distinguir-se da força da imposição de um ou de poucos” (*ibidem*, p.19). Ribeiro sinaliza que na atualidade brasileira há duas fontes de politização dos jovens: “uma são os movimentos sociais, aqueles que foram desenhados pelo *establishment*<sup>5</sup> ao longo do tempo e que em nosso país assumem, desde 20 ou 30 anos, papel cada vez mais importante. [...] a outra fonte: a indignação ética” (RIBEIRO, 2004, p.19).

Por fim, ratifica-se que os jovens a que nos referimos nesta análise têm “rosto definido”, pertencem à classe de filhos e filhas de trabalhadoras e trabalhadores rurais (FRIGOTTO 2004, p. 181). São sujeitos que produzem a vida de forma precária por conta

---

<sup>5</sup> “Grupo sociopolítico que exerce sua autoridade, controle ou influência, defendendo seus privilégios; ordem estabelecida, sistema” (disponível em:< <http://www.dicio.com.br/establishment/>>).

própria, inserindo-se ainda precocemente no mundo do trabalho. “Mesmo na delimitação desse universo podemos encontrar diferentes particularidades, assim, uma massa enorme de jovens trabalha com a família em minifúndios ou como arrendatários ou assalariados” (idem, p.181). No item a seguir aprofundaremos mais sobre a juventude rural e as principais problemáticas que lhes afetam no contexto da sociedade de classes.

### 1.3 Juventude Rural

Depois de termos situado o debate sobre a categoria juventude e os conceitos de classe social e estratificação social, chegamos mais próximos do cerne deste trabalho, a juventude rural. A princípio nosso esforço será em situar o campo temático juventude rural no Brasil. Posteriormente nossa discussão centrará sobre os motivos que levam os jovens a migrarem para as cidades e os desafios postos à agricultura familiar após a inserção capitalista no universo rural Brasileiro.

Antes de avançarmos, é necessário situarmos o que temos como basilar na literatura sobre o rural. Não nos propomos realizar aqui uma discussão em profundidade sobre a categoria rural, mas procuramos apenas situar o debate que a perpassa.

Há muita, divergências quanto ao modo de conceituar o rural. Os fatores que justificam tal divergência “vão desde a forma diversificada em que esta realidade se apresenta no espaço e no tempo até as influências de caráter político-ideológico e os objetivos a que visam atender as diversas definições” (MARQUES, 2002, p.99). Historicamente definir o rural é traçar características as quais se diferenciariam do urbano (*idem*).

Segundo Gaviria e Menasche (2006, p.73-74), a produção que versa sobre o rural encerra uma pluralidade de sentidos conferidos à noção. As autoras pontuam que dependendo da perspectiva de análise, “pode ser referida a um espaço físico, a um espaço, a um espaço social, a uma imagem, a uma mentalidade, a um estilo de vida, e/ou outras atividades econômicas, à natureza, a um espaço de turismo e lazer” (*idem*).

Para Gaviria e Menasche (2006, p.74) nas definições de rural dois postulados importantes estão imbricados,

[...] um, que um dos significados do rural, a agricultura, é uma categoria polissêmica, apresentando um conteúdo econômico, cultural e social, sendo valorizada não apenas como um setor da economia, mas por sua dimensão imaterial, como modo de vida. [...] outro postulado diz respeito à relação rural-urbano.

Contrariamente a uma visão dicotômica, observa-se o rural enfatizando as relações decorrentes de sua integração com o urbano.

Considerando a diversidade conceitual, tomamos esta categoria como algo mais complexo e amplo que a simples visão dicotômica do rural-urbano ou reducionista como a de rural sinônimo de atraso ou pouco desenvolvido. O rural hoje é algo integrado ao urbano, mas não essencialmente uma repetição deste. O rural possui identidades próprias e especificidades que o faz singular, há aqueles que se identificam neste território e outros que não.

### **1.3.1. Breve panorama do campo de estudos sobre a juventude rural no Brasil**

Na literatura são poucos os estudos que têm como foco as juventudes rurais. Segundo o levantamento realizado por Weisheimer de 1990 a 2004<sup>6</sup> foram identificados 50 trabalhos de 36 pesquisadores que têm como objeto as juventudes rurais. Em 2007 o número de publicações atinge 197 obras relativa ao tema, 40 dos trabalhos datados no ano 2006 (CASTRO *et al.* 2009). Com base nessas análises, percebemos uma crescente quantitativa de trabalhos, sobretudo após a publicação da pesquisa de Weisheimer no ano 2005. Entretanto, esses dados demonstram ainda que

[...] as pesquisas sobre juventude do meio rural não constituem uma produção expressiva [...] logo, confirma-se que os jovens rurais têm estado invisíveis para a maioria dos pesquisadores brasileiros, constituindo-se em um objeto ainda pouco estudado (WEISHEIMER, 2005, p. 9-10).

Castro (2009, p. 181) nos diz que o olhar sobre a juventude privilegia os jovens urbanos, de preferência dos grandes centros urbanos, e apesar das ações e estudos recentes, a juventude rural brasileira é pouco conhecida. Ainda segundo a autora uma possível hipótese que justificasse tal cenário, seria o fato de a juventude constituir um contingente pequeno, mas ainda segundo ela, isto é logo refutado com dados do IBGE de 2010, no qual cerca de oito milhões de jovens residiam no campo, 15,2% do total de jovens.

A parca produção sobre a juventude rural acaba por configurar o que Weisheimer chama de “situação de invisibilidade”. A invisibilidade desta categoria

[...] se configura numa das expressões mais cruéis de exclusão social, uma vez que dessa forma esses jovens não se tornam sujeitos de direitos sociais e alvos de políticas públicas, inviabilizando o rompimento da própria condição de exclusão.

---

<sup>6</sup>A partir de agora todas as vezes que citarmos os dados colhidos por Weisheimer (2005), não faremos mais menção ao recorte de sua pesquisa, pois já os evidenciamos.

Nesse contexto, a juventude rural aparece como um setor extremamente fragilizado de nossa sociedade. Enquanto eles permanecerem invisíveis ao meio acadêmico e ao sistema político, não sendo socialmente reconhecidos como sujeitos de direitos, dificilmente serão incluídos na agenda governamental. (WEISHEIMER, 2005, p. 8).

Se num primeiro momento a ausência de estudos sobre os jovens rurais possa justificar-se apenas como uma questão de afeição temática, por outro lado, a falta de dados e reflexões sobre estes sujeitos torna-se uma poderosa arma que contribui incisivamente para situação de invisibilidade a que a juventude rural está condicionada, especialmente no que diz respeito à proposição de políticas públicas voltadas para este grupo.

[...] Não é exagero dizer que os jovens rurais brasileiros não gozam do direito à cidadania quando se trata de admiti-los como sujeitos ou atores políticos com direito de participar das decisões que afetam sua vida e seu futuro. Além disso, da perspectiva dos direitos sociais, mesmo os mais elementares, essa juventude convive com diversas situações de não-reconhecimento, preconceitos, marginalidade e exclusão (*ibidem*, p. 8).

Apesar do numero reduzidos de estudos, aqueles que se propõem a pesquisar a juventude rural defrontam-se com uma variedade de perspectivas, diversidades de realidades e a heterogeneidade de conceitos. Por isso, vale ressaltar que não há um consenso conceitual sobre a temática dada a sua complexidade. Complexidade esta verificada no estudo de Weisheimer (2005), pois o autor identificou na literatura pertinente ao tema pelo menos catorze maneiras diferentes de denominar os jovens do meio rural:

Alunos rurais; Jovens; Jovens agricultores; Jovens do campo; Jovens do interior Jovens do sertão; Jovens empreendedores rurais; Jovens empresários rurais; Jovens filhos de agricultores; Jovens rurais ribeirinhos; Jovens sem-terra; Juventude em assentamento rural; Juventude escolar rural; Juventude rural. (2005, p.25).

Esta diversidade apresentada no estudo supracitado se articula a dois princípios de classificação: “um que toma como referência a dimensão geográfica onde residem os jovens da pesquisa; outro que busca incorporar na definição das categorias o processo de socialização em certas ocupações que caracterizam os jovens investigados” (*ibidem*, p. 25). Em síntese há uma dualidade nas definições, a primeira considera os aspectos demográficos onde os jovens residem (campo, rural, sertão, interior), já a segunda chama atenção para ocupações que eles exercem (agricultores, assentados, sem-terra, estudantes rurais).

As dificuldades encontradas na literatura ao lidar com a definição da juventude rural residem nas diversidades de estratos em que este grupo social se divide. São realidades múltiplas e a ausência de uma matriz analítica que seja capaz de dar conta desta pluralidade, não nos permite conceituar de modo definitivo estes sujeitos. Entretanto, a literatura



especifica deste campo de investigações vem nos apontando que suprimir uso do termo no singular em favor do plural, *juventudes rurais*, é o caminho mais sensato para seguirmos.

Puntel, Paiva e Ramos definem a juventude rural sob a perspectiva da dependência e subordinação à autoridade paternal:

[...] Para nós os jovens rurais são os filhos de agricultores que são pequenos proprietários e que comandam o processo produtivo. O jovem rural é o dependente, aquele que ainda não é proprietário de terra, e que se insere, normalmente como um agregado/subordinado do pai (2011, p.10).

Esse aspecto de dependência está presente na aceção de Castro (2009), para o autor ser jovem rural é carregar o peso de uma posição hierárquica de submissão. A situação de sujeição diante dos pais, alinhada à dependência econômica seriam as principais características da juventude rural nesta concepção. Concordando com esta perspectiva, Gaviria e Menhasche (2006, p.72) definem os jovens rurais como “aqueles atores sociais que na agricultura familiar estudada, compõem a unidade doméstica na posição de filhos (as), sob o domínio da autoridade dos pais”. Alguns autores relacionam essa questão da submissão dos jovens rurais, ao abandono do campo. A cidade seria uma oportunidade de livrar-se da condição de dependente financeiro.

Weisheimer chama atenção para alguns limites nas abordagens sobre a temática, “em diversos trabalhos localizados se tomam os jovens como objeto de estudo, mas frequentemente não problematizam o próprio objeto, ou seja, a juventude como construção social em disputa” (2005, p.28). A definição do jovem pelo jovem ainda está ausente na grande maioria dos trabalhos.

### **1.3.2 As particularidades das juventudes rurais no Brasil**

Nos estudos sobre as juventudes rurais a migração rural-urbano e os rebatimentos da inserção capitalista no campo constituem-se dois temas transversais importantes. Compreendermos o contexto em que vivem estes sujeitos e os motivos que os levam à migração para as cidades e a ofensiva do grande capital no universo rural é nossa pretensão a seguir.

“O meio rural brasileiro sofreu grandes transformações tecnológicas ao longo das últimas décadas, contudo inúmeras regiões ficaram aquém do desenvolvimento almejado” (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011, p. 2-3). Neste contexto a juventude rural tende a

enfrentar dificuldades na constituição de seus projetos de vida, deixar o campo em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos vem sendo o caminho de milhares de jovens.

[...] o meio rural transforma-se em um espaço cada vez mais heterogêneo e desigual, onde a juventude é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição de fronteiras entre o espaço urbano e rural, associada à falta de perspectivas para quem vive da agricultura poder acompanhar este padrão de modernização. Percebemos que os jovens do meio rural das gerações passadas (agora os pais dos jovens pesquisados) construíam suas experiências em espaço social mais restrito, enquanto que as gerações atuais estão cada vez mais ligadas a relações sociais e culturais mais amplas, o que possibilita a estes jovens repensarem suas identidades, suas relações pessoais e seus projetos de vida.

Um dos fatores que contribuem decisivamente para a saída do jovem do campo é a questão fundiária. As concentrações de terras nas mãos de poucos, associada à falta de assistência técnica e os baixos preços atribuídos aos produtos da agricultura familiar<sup>7</sup> são elementos centrais da realidade brasileira.

Um segundo fator são ainda os altos *déficits* de terras no país, fruto do período de colonização em que a coroa portuguesa concedeu a poucos gigantescas extensões de terra. A reforma agrária poderia contribuir para a diminuição destas disparidades, entretanto ainda não foi acolhida com seriedade por nenhum dos governos até a contemporaneidade.

Silva e Jesus elencam outros fatores tais como:

Por outro lado, percebe-se que a juventude rural, não tem recebido a atenção merecida. Sua participação nos processos de gestão e execução das atividades familiares é, na maioria dos casos, desconsiderada com a justificativa de imaturidade e de irresponsabilidade. As políticas públicas direcionadas ao campo, parecem não atender os anseios e necessidades desses jovens, contribuindo para a inviabilidade de sua permanência no meio rural (2010, p.3).

Outro aspecto importante é que a maioria dos jovens no campo não possui poder decisório. Quem realiza na maioria das vezes a gestão da produção agrícola e a pecuária, *o que, o como e onde se produz* são determinados pelos pais. Por outro lado, há uma ausência do Estado na promoção de políticas que proporcionem aos jovens permanecerem no meio rural.

Com base na análise de Silva e Jesus (2010) assinalaremos seis possíveis causas que justificam a migração dos jovens para as cidades.

---

<sup>7</sup> De acordo com Wanderley (*apud* BERTONCELLO; ROSSI; BADALOTTI, 2007, p. 99-100): O ponto de partida é o conceito de *agricultura familiar*, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que esse caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente. No entanto, assim definida, essa categoria é necessariamente genérica, pois a combinação entre propriedade e trabalho assume, no tempo e no espaço, uma grande diversidade de formas sociais.

A primeira causa apontada pelos autores é a limitação do jovem no acesso à terra. Sobre isto Carvalho e outros pontuam:

Com as dificuldades que os jovens encontram no acesso à terra há um desestímulo para a continuidade da vida no campo, pois existe uma ansiedade em busca da independência financeira através do trabalho remunerado o que, na maioria dos casos, não acontece quando ele trabalha na propriedade com seus pais. Em alguns casos os pais disponibilizam uma parte da propriedade para o filho “colocar o roçado” e tentar obter algum lucro naquela terra. Em outros casos a terra é muito pequena e qualquer concessão do pai para o filho compromete a subsistência da família. (CARVALHO *et al*, 2009, p.5).

Os jovens rurais em sua maioria pertencem às famílias pobres, de pequenas propriedades, desde cedo lhes são delegadas as primeiras atividades, eles logo percebem que para alcançar seus anseios é necessário possuir terras também. Acrescido a isto, o jovem rural tende a não ser assalariado em seus trabalhos na propriedade dos seus pais, o que se produz acaba destinando-se ao sustento da família. Em síntese “[...] uma das razões para a saída dos jovens do meio rural para a cidade é a oferta de trabalho remunerado” (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 5) e não posse de terras próprias.

A segunda razão para a saída dos jovens do campo diz respeito aos projetos individuais desses jovens. Segundo Carneiro (1999, *apud* SILVA; JESUS, 2010, p.10), há uma dualidade na vida do jovem rural “[...] que oscila entre o projeto de construir vidas mais individualizadas, o que se expressa no desejo de melhorarem o padrão de vida, de serem algo na vida, e o compromisso com a família [...]”. Os jovens sonham com um futuro melhor, a migração para a cidade é um modo de possibilitá-los obter melhores condições econômicas e ajudar suas famílias.

Um terceiro fator para a migração dos jovens rurais é a possibilidade de continuar a formação educacional. Historicamente a educação no campo foi marcada por poucas escolas, evasão e salas multisseriadas. De acordo com dados do Censo Escolar de 2009, cerca de 1,3 milhões de alunos brasileiros estudavam ainda em classes *multisseriadas* nas escolas rurais. Do ponto vista da evasão escolar atribui-se à inserção no trabalho ainda muito cedo. Outro ponto importante é deslocamento dos jovens para os centros urbanos para continuar a estudar. Tendo em vista,

[...] que para cursar o ensino médio, em geral, o jovem rural precisa ir para as sedes dos seus municípios regularmente, onde terão acesso à outra forma de vida e diferentes modos de relacionamento social ao qual começarão a confrontar os valores da vida no campo e na cidade e despertarão o desejo de viver tal modo de vida diferente do qual foram criados (SIQUEIRA *apud* CARVALHO *et al*, 2009, p.5).

Ou ainda nas palavras de Teixeira e Freixo (2011):

Os jovens, em sua maioria, deixam o convívio de suas comunidades rurais, rumo à cidade, em busca de outras formas de trabalho e, principalmente, em busca da escolarização formal, em nível médio, já que não há no meio rural, escolas que ofereçam este nível de escolarização. Nestas escolas, é comum a reprodução de um ideal citadino de vida, reforçando o desenraizamento desses jovens, que raramente se vêem incentivados a re-estabelecer vínculos de sociabilidade com suas comunidades.

A quarta causa de migração dos jovens rurais é a busca por trabalhos que exigem menores esforços físicos. Há uma rejeição dos filhos em substituir aos pais na agricultura familiar, eles não aceitam o modo como os pais vivem, os jovens consideram o trabalho agrícola árduo (CARVALHO *et al*, 2009, p.5). Considerando que o trabalho no campo é constituído em sua maior parte por trabalhos braçais.

O quinto agente apontado pelos autores é a concorrência no mercado de trabalho, que exigem profissionais cada vez mais qualificados. Mesmo no campo o mercado do trabalho exige do jovem conhecimento técnico, nos últimos anos com os avanços tecnológicos na agricultura, os jovens vêm nas cidades uma maneira de profissionalizar-se e alcançar melhores remunerações. A migração *a priori* seria um desejo temporário, entretanto poucos realmente acabam voltando depois de formados.

Por fim, a sexta causa para migração dos jovens rurais seria a atração pelo universo urbano. Sempre foi difundida uma imagem de um urbano moderno e o rural atrasado, reforçada nas últimas décadas com o advento das tecnologias portáteis (celulares, computadores, internet e etc.). A cidade constitui-se nos imaginários dos jovens como um local onde poderiam viver com maior liberdade e possibilidades de aventuras. O lazer é outro fator importante, sobretudo os jovens com melhores rendas buscam nas cidades lugares que possibilitem a prática de esportes, espaços culturais como teatros, cinemas e livrarias.

Em síntese, são estes os principais motivos que levam os jovens a deixarem o campo:

- 1- A limitação do acesso à terra;
- 2- Projetos individuais de vida;
- 3- A não conciliação da escolarização com o trabalho;
- 4- A busca por trabalhos que exigem menos esforços físicos – dada a dureza do trabalho ainda braçal na maioria das propriedades rurais;
- 5- A concorrência no mercado de trabalho, que exigem profissionais mais qualificados;
- 6- A atração pelas tecnologias, alternativas de lazeres, atração pelo universo urbano.

Após termos apresentarmos as problemáticas que levam os jovens deixarem o campo, cabe aqui salientarmos alguns aspectos da intervenção capitalistas no meio rural brasileiro e os rebatimentos sobre a agricultura familiar neste contexto.

Na década de 1930 mais de 70% da população moravam no campo. Os últimos dados colhidos no Censo realizado pelo IBGE em 2010, revelam que 84% ou cerca de 160 milhões de pessoas no país residem nos centros urbanos, enquanto no campo vivem 16 % da população nacional, que equivale a 29 milhões pessoas.

Entre os anos de 1960 e 1970 o país vive um intenso processo de êxodo rural, período este concomitante ao processo de inserção de grandes indústrias no campo brasileiro, o que mais tarde passa-se a designar de agroindústrias ou *Agribusiness*. A entrada capitalista no universo rural brasileiro causou grandes transformações sociais, econômicas e culturais, por conseguinte o modo de produção, as relações comerciais, sociais e trabalhistas acompanharam essas mudanças. Sobre este período, Santos (2008, p.3) revela,

A inserção da agricultura na dinâmica do capitalismo global se expressa na constituição de complexos industriais voltados para o controle da produção e distribuição de mercadorias ocorridas no campo, a partir dos anos de 1970 no Brasil. A organização da produção se realiza mediante a mecanização, a especialização do trabalho, a racionalidade fabril e a submissão da força de trabalho pelo capital.

O processo de modernização da agricultura vai trazer consequências negativas aos trabalhadores rurais, em especial aos mais pobres. Esta modernização no campo não aconteceu de modo uniforme, os investimentos públicos privilegiaram os empresários em detrimento dos pequenos produtores rurais.

Esta inserção capitalista no ambiente rural altera as relações de trabalho, “passando da condição de um trabalho fixo ao trabalho sazonal, aquele trabalhador que é expulso do campo e vai para a cidade, retornando ao campo em momentos de crise econômica ou em época de colheita de determinada cultura” (*ibidem*). Por conseguinte, inviabiliza as condições de permanência destes sujeitos no campo e intensificam-se os índices de desemprego. Segundo Santos (2008, p.3) “foi de 21,5% o percentual de perda de postos de trabalho na agricultura no período de 1990 a 2000, o que significou a diminuição de um milhão e duzentos mil empregos”.

A agricultura familiar ocupou e ainda ocupa a maioria dos trabalhadores rurais no Brasil. Sobrevive ainda “ocupando pequenas extensões de terra, utilizando tecnologias rudimentares e destinando a produção, em grande parte, para o consumo familiar” (SILVA; JESUS, 2010, p.4). De acordo com Kwitko (2005 *apud* SILVA; JESUS, 2010, p.4), “ainda que a maioria dos agricultores viva em condições de pobreza, continuam responsáveis por expressiva parcela da produção de alimentos e matérias-primas, sobretudo em regiões como o Nordeste”.

Os trabalhadores da agricultura familiar são os mais prejudicados com a monopolização do campo pela agroindústria. Os reflexos desta apropriação rebatem na impossibilidade de concorrência na comercialização dos produtos e as constantes quedas dos preços. Além da concorrência outro fator importante são os poucos financiamentos e investimentos para agricultura familiar no Brasil, ainda há poucas políticas de valorização e qualificação dos agricultores familiares.

Tendo como horizonte os constantes desafios impostos à agricultura familiar, constata-se “o desestímulo dos jovens rurais em dar continuidade à profissão de seus pais” (SILVA; JESUS, 2010, p.9). Por vezes os próprios pais incentivam seus filhos a deixarem o campo. “Esse fato pode estar relacionado com a situação de abandono em que tem passado a agricultura familiar nos últimos anos e pela ausência de políticas públicas para o setor” (*ibidem*).

Todos esses fatores apontam-nos um cenário de instabilidade, que vivem cerca de oito milhões de jovens brasileiros, que residem no universo rural, e que vêem em seus horizontes a necessidade de deixar o campo para alcançar melhores condições de vida e sobrevivência, sobretudo econômica. No entanto, migrar não é escolha fácil, no estudo apresentado por Castro e outros (CASTRO *et al.* 2009), a maioria dos jovens entrevistados não desejam “sair”, sabem das dificuldades que as cidades possuem. Entretanto, há uma percepção de saída como provável caminho a se trilhar dada as condições em que vivem.

Os jovens vão procurar nas cidades uma independência financeira. Os jovens idealizam e assimilam uma imagem da cidade ainda como local onde podem acender socialmente, entretanto,

[...] o fato do jovem sair do campo para morar na cidade em busca de realizações dos objetivos nem sempre é bem sucedido, “muitos são submetidos a morarem nas regiões periféricas das cidades, enfrentando trabalhos em condições subumanas, com exigência de muito esforço físico além de má remuneração” permanecendo sempre em estado de marginalização e exclusão nos espaços urbanos (QUEIROZ, 2009, apud SILVA e JESUS, 2010, p. 11).

Já findando este capítulo, reafirmamos a necessidade de novos estudos que evidenciem as juventudes rurais, dando-lhe vez e voz. Nosso esforço até aqui, foi o de trazer a diversidade e a riqueza destes sujeitos, que não nos permitem reduzi-los ou generalizá-los como iguais. Fica claro o empenho dos autores que rompem a condição de invisibilidade, relegada a este campo temático por muito tempo, propondo caminhos metodológicos de investigação para as

particularidades dos jovens rurais e forjando a necessidade de um debate político amplo que garantam os direitos de permanência no campo.

No próximo capítulo apresentaremos alguns aspectos importantes do território de nossa investigação, um relato das principais dificuldades e riquezas do processo de pesquisa, bem como apresentaremos as escolhas metodológicas para análise dos dados colhidos em campo.

## 2. AS JUVENTUDES RURAIS NO MUNICÍPIO DE VALENÇA-BA

O segundo capítulo deste trabalho monográfico objetiva apresentar as particularidades do município de Valença no estado da Bahia. A justificativa para escolha deste campo como recorte investigativo se deu muito em função da importância que agricultura familiar tem neste território e aos altos índices de migração juvenil para os espaços urbanos.

A princípio, reafirmamos que este estudo constitui-se ainda como de caráter exploratório. Poucos trabalhos tratam da realidade valenciana, por vezes algumas questões aqui abordadas não serão aprofundadas, mas a *posteriori* as reflexões agora apresentadas poderão ser de grande valia em futuros projetos de pesquisa que desejamos levar a diante.

No primeiro momento, caracterizaremos este território em seus aspectos socioeconômicos, subsidiados pelos dados do IBGE. Para além, apresentaremos as particularidades dos jovens que residem neste território e algumas singularidades do universo rural neste município, tais como números e portes das propriedades rurais, principais atividades agrícolas e não agrícolas desenvolvidas.

Logo em seguida, apresentaremos a base metodológica que nos norteou neste estudo e as escolhas das técnicas de investigação. Acrescido a isto, realizaremos um breve relato de como se deu o processo de investigação, a ida ao campo e seus desafios, riquezas, as escolhas dos sujeitos pesquisados e um perfil dos entrevistados.



## 2.1 Características socioeconômicas do município de Valença-BA

O Baixo Sul da Bahia localiza-se na região costeira do Estado, também conhecida como Costa do Dendê, seu território é composto por 14 Municípios<sup>8</sup>. A costa do Dendê está localizada cerca de 100 km ao sul da capital baiana, Salvador. Juntos seus municípios abrigam uma população total de mais de 331.525 habitantes (IBGE, 2010), dispersos em 7.141,34 Km<sup>2</sup>.

Dentre os municípios do Baixo Sul, Valença<sup>9</sup> apresenta o maior índice populacional e territorial. Sua extensão é de 1.192,614 km<sup>2</sup>. É Considerado como município de médio porte. Segundo o Censo realizado pelo IBGE em 2010, a população residente era de 88.673 habitantes<sup>10</sup>. Em 1991 sua população era de 67.369 pessoas e em 2000 de 77.943. “Entre 2000 e 2010, a população de Valença cresceu a uma taxa média anual de 1,30%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período. Nesta década, a taxa de urbanização do município passou de 71,70% para 72,59%” (PNUD; IPEA; FJP, 2015).

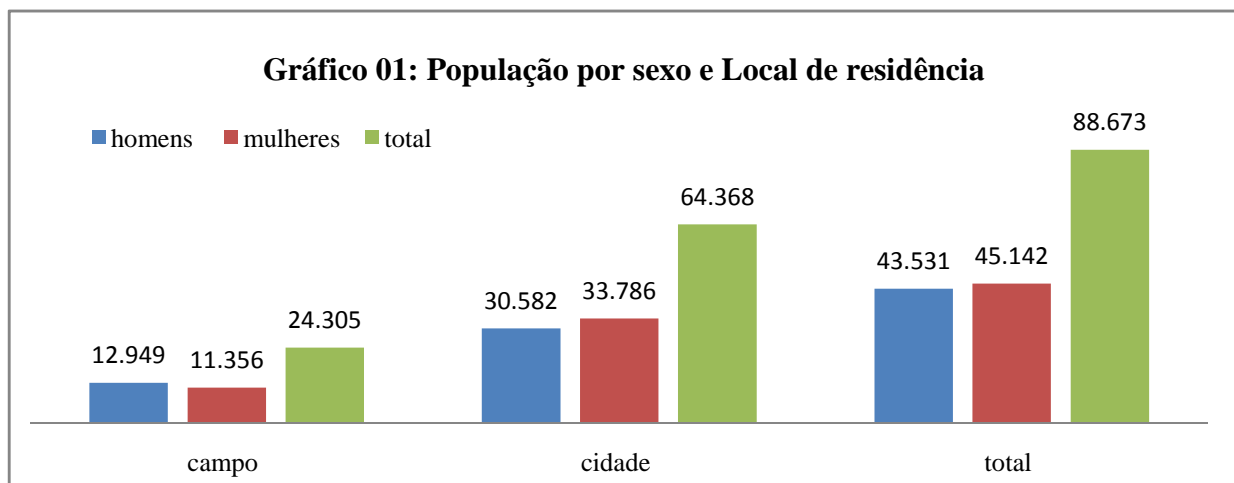
Segundo o ultimo Censo tínhamos no município 27% (24.305) das pessoas vivendo no campo e 73% (64.368) residiam na cidade. Deste quantitativo, 51% são mulheres e 49% são homens. 25% das mulheres residem na área rural e 75% na área urbana. Já 30% dos homens viviam no campo e 70% deles na área urbana. Confira no gráfico abaixo:

---

<sup>8</sup>Aratuípe, Cairu, Camamu, Gandu, Igrapiúna, Ituberá, Jaguaripe, Nilo Peçanha, Pirai do Norte, Presidente Tancredo Neves, Taperoá, Teolândia, Valença, Wenceslau Guimarães. (FAEB, 2015).

<sup>9</sup>Segundo o IBGE (2015) “na época em que o Brasil foi dividido em Capitânicas Hereditárias, as terras que compõem o atual Município de Valença faziam parte da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, doada em 1534 a Jorge de Figueiredo Correia, e estavam subordinadas administrativamente a Vila de Nossa Senhora do Rosário de Cairu. O lugar era habitado por índios Tupiniquins, de índole pacífica. Os primeiros colonos, ao que se supõe para ali se transportaram entre os anos de 1557 a 1571, durante o governo de Mem de Sá. Entre eles destacou-se Sebastião de Pontes, homem rico e influente, já naquela época possuidor de dois engenhos no Recôncavo baiano. [...] Com o seu afastamento, o povoado começou a desorganizar-se e disso se aproveitaram os índios Aimorés para assaltá-lo. [...] No século XVIII o bandeirante paulista João Amaro Maciel Parante empreendeu enérgica reação contra os Aimorés, permitindo a localidade retomar o ritmo de desenvolvimento que motivou a proposta do Ouvidor Geral da Comarca de Ilhéus, desembargador Baltazar da Silva Lisboa, em que solicitava ao governo a criação de uma nova vila, com sede na povoação de Una, como era conhecida na época. Formação Administrativa Atendida [...], foi determinada pela Carta Regia de 23 de janeiro de 1799 a criação da Vila de Nova Valença do Santíssimo Coração de Jesus, com território desmembrado de Cairu, ocorrendo sua instalação a 10 de junho do mesmo ano. Por força da resolução n.º 368, de 10 de novembro de 1849, a sede municipal recebeu foros de cidade, com a denominação de Industrial Cidade de Valença. A sua composição administrativa de acordo com a Lei n.º 628, de 30 de dezembro de 1953, compreende 04 distritos: Valença, Guerem, Maricoabo e Serra Grande”.

<sup>10</sup> A população de Valença estimada em 2014 segundo o IBGE era de 96.507 habitantes.



Fonte: IBGE, 2010 / Organização: SOUSA, J. P. A, 2015

A situação educacional ainda é um grande entrave ao desenvolvimento municipal. No Censo demográfico do ano 2000 o IBGE constatou que 26,5% da população de 15 anos ou mais era analfabeta. Em 2010 essa taxa caiu para 19,2%, entretanto, fica longe do índice brasileiro de 9,6%. Valença em 2013 tinha 12.898 crianças na faixa de 7 a 14 anos, destas 10.785 estão na escola. Em 2010, 66,18% da população de 6 a 17 anos do município estavam cursando o ensino básico regular com até dois anos de defasagem idade-série, um aumento de cerca de 2 pontos percentuais com relação aos dados de 2000.

A taxa de mortalidade infantil vem caindo a cada ano, se em 1991 morriam 71,4 por mil nascidos vivos, passou para 41,7 em 2000 e em 2010 caiu para 22,6 por mil nascidos vivos. Entretanto, a taxa de mortalidade municipal fica acima da nacional que é de 16,7 por mil nascidos vivos. No que tange à longevidade no município, a esperança de vida ao nascer cresceu 6,5 anos na última década, passando de 65,2 anos, em 2000, para 71,7 anos, em 2010 abaixo da média do Brasil de 73,9 anos.

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNDU) o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Valença em 2013 era de 0,623<sup>11</sup>. O IDH-M<sup>12</sup>, que leva em conta a renda neste mesmo período, alcançou 0,619 (PNUD; IPEA; FJP, 2015). O rendimento mensal *per capita* dos domicílios rurais em 2010 assumia o valor médio de 240,88

<sup>11</sup>“O índice varia entre 0 (valor mínimo) e 1 (valor máximo). A composição do IDH compreende indicadores de saúde, educação e renda, pois assume que, para viver vidas que desejam, as pessoas precisam pelo menos ter a possibilidade de levar uma vida longa e saudável, acesso a conhecimento e a oportunidade de desfrutar de um padrão de vida digno”(PNUD; IPEA; FJP, 2015).

<sup>12</sup>“Em 2012, o PNUD Brasil, o Ipea e a Fundação João Pinheiro assumiram o desafio de adaptar a metodologia do IDH Global para calcular o IDH Municipal (IDHM) dos 5.565 municípios brasileiros. [...] O IDHM brasileiro considera as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda, mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. Embora meçam os mesmos fenômenos, os indicadores levados em conta no IDHM são mais adequados para avaliar o desenvolvimento dos municípios e regiões metropolitanas brasileiras” (*Ibidem*).

reais e 518,48 reais no meio urbano. O rendimento mensal médio municipal atinge 448,47 reais.

No município de Valença a taxa de atividade em 2010 era 69,35%. Constatou-se 10,60% da população economicamente ativa, estavam desocupadas, enquanto 49,78% dos que possuíam ocupação recebiam até um salário mínimo e 97,32% tinham rendimentos de até cinco salários mínimos. Por fim, apenas 35,98% dos ocupados neste período usufruíam de vínculo empregatício formal.

Estes dados apontam a precarização dos direitos trabalhistas para a maior parcela da população empregada no município, por conseguinte há uma má remuneração, e altos índices de desemprego são fatores que desembocam nos números da pobreza no município.

Em 1991 63,99% da população era considerada pobre, em 2010 o índice decresce para 30%. Já o percentual da população considerada extremamente pobre caiu de 33,76% em 1991 para 12,48% em 2010. Em termos proporcionais, 18,7% da população estavam na condição de extrema pobreza, sendo que na área rural 35,4% da população em 2010 estava na extrema pobreza contra 12,4% na área urbana (BRASIL, 2015).

Acerca das condições físicas domiciliares em Valença o IBGE (2010) revela que 85,15% das residências apresentavam água encanada, 77,04% delas com banheiro e água encanada e em 94,15% das habitações possuíam energia elétrica.

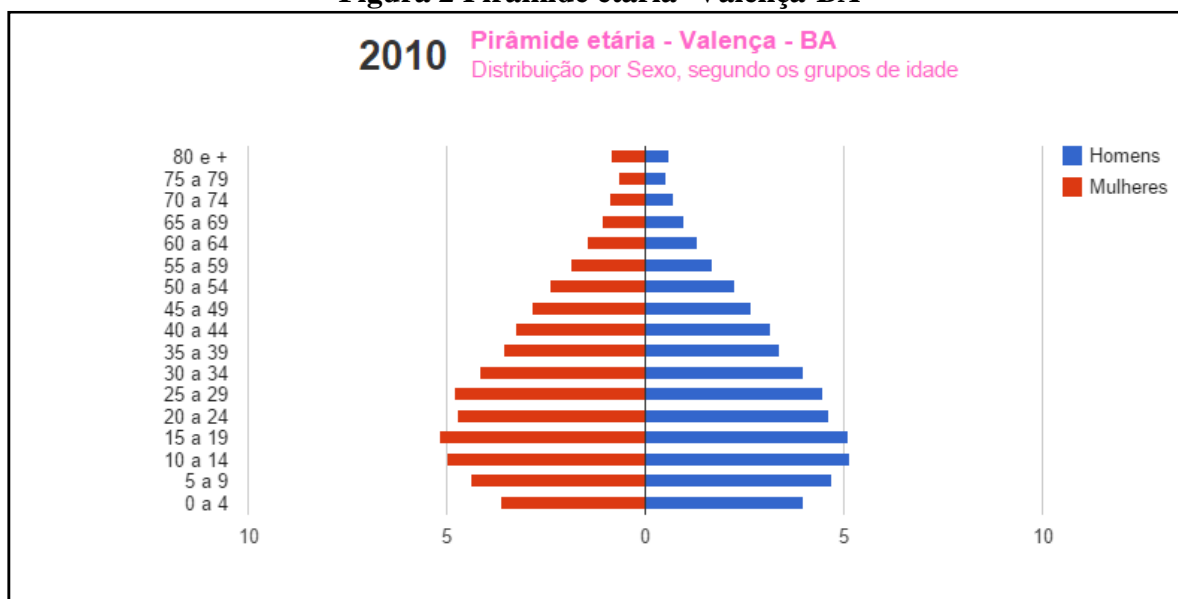
Levando em conta os dados aqui elencados, podemos dizer que as desigualdades sociais é um elemento ainda desafiador neste território. Relegando 43% da sua população à condição de pobres e extremamente pobres. Aproximadamente 7.105 habitantes estavam nesta última condição, no período do Censo de 2010. Ponderamos ainda, a situação de inferioridade da realidade municipal em diversos índices socioeconômicos nacionais.

### **2.1.1. As juventudes e a agricultura familiar no município de Valença-BA**

Em Valença a população compreendida na faixa etária de 15 a 29 anos em 2010 eram 25.679 habitantes. Deste, 12.597 eram do sexo masculino e 13.082 do sexo feminino. No campo residiam 6.953 jovens e na cidade 18.727. A maioria dos jovens urbanos são do sexo feminino, 9.927 (os homens residentes na cidade somam 8.800), já no campo a situação se inverte: o numero de homens jovens é maior, 3.797, enquanto as mulheres totalizam 3.155.

Na figura abaixo temos a distribuição populacional por sexo, segundo o grupo de idades, que aponta para jovialidade da população valenciana.

**Figura 2 Pirâmide etária- Valença-BA**



Fonte: PNUD; IPEA; FJP, 2015.

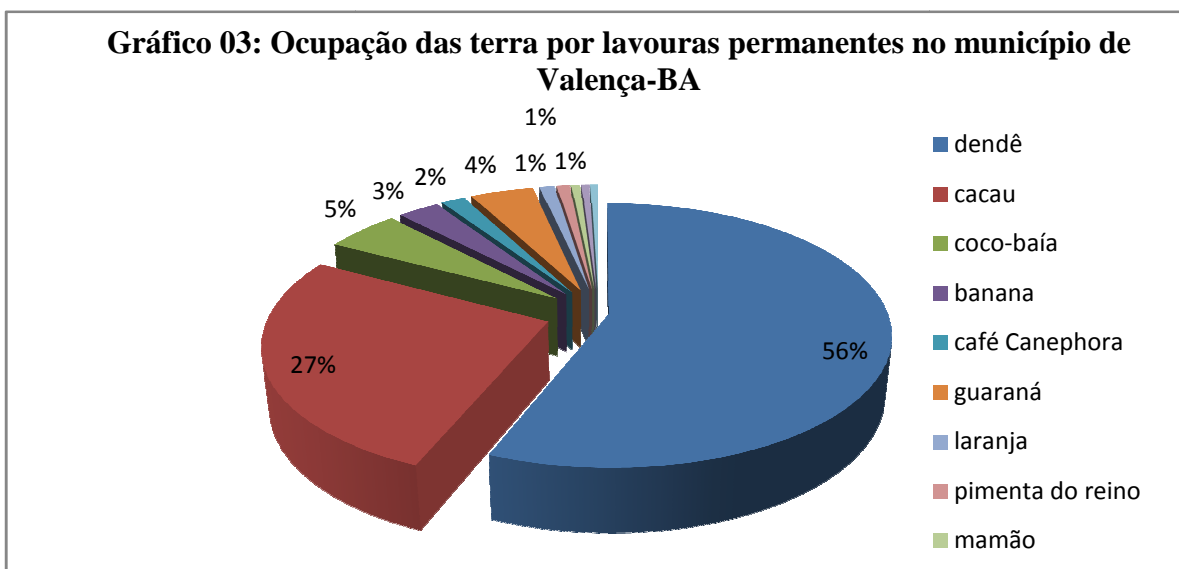
De acordo com a pirâmide etária municipal, os jovens entre 15 e 19 anos eram o maior quantitativo entre os grupos etários. A maior concentração populacional encontrava-se no intervalo dos 10 aos 29 anos.

No que tange à educação municipal a taxa de analfabetismo no grupo de idade de 15 a 24 anos em 2000 era 12,5%, em 2010 a taxa caiu para 4,8%. Já os jovens de 18 a 24 anos, 6,22%, estavam cursando o ensino superior em 2010. Em 1991 eram apenas 0,22% deste recorte. Em 2010, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola é de 89,30%, em Valença. No mesmo período, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental é de 70,36%; a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo é de 38,71%; e a proporção de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo é de 20,61% (PNUD; IPEA; FJP, 2015).

De acordo com mapa da violência brasileiro, Valença ocupava a 10ª posição no Estado da Bahia entre cidades com maior número de homicídios por densidade demográfica em 2012. O município localiza-se na 41ª colocação entre as 5.750 cidades brasileiras com as maiores taxas de assassinatos. Levando em conta a taxa de homicídios na população jovem, entre os municípios com mais de 10 mil jovens, Valença fica no 26º lugar na esfera nacional.

Em 2010 foram registrados 52 casos de homicídios na população jovem do município, de 2011 a 2012 quarenta e seis casos em cada ano. No universo populacional foram 90 casos em 2010, 78 em 2011 e 78 em 2012. Das mortes por homicídios em Valença entre 2010 e 2012, cerca de 60% eram jovens.

Acerca da área rural municipal, no ano de 2010 eram 9.965 domicílios situados na zona rural e 4.256 estabelecimentos agropecuários. As lavouras predominantes no município no ano de 2013 são: o dendê (10.500 ha) e o Cacau (4.999 ha). Para além temos uma diversidade de atividades agrícolas permanentes, as principais são respectivamente coco-baía (3.600 ha), Borracha (950 ha), banana (530 ha), Café *Canephora* (300 ha) Guaraná (800 ha), laranja (190 ha), pimenta do reino (160 ha), mamão (108 ha), urucum (100 ha), maracujá (90 ha).



Fonte: IBGE, 2010/ Organização: SOUSA, J. P. A, 2015

De acordo com o IBGE (2013) as principais lavouras temporárias cultivadas eram o abacaxi (170 ha), amendoim (70 ha), cana-de-açúcar (170 ha), feijão (250 ha), milho (250 ha) e mandioca (3.000 ha). Conforme o Censo agropecuário de 2006 Valença possuía aproximadamente 29.823 hectares destinados à produção de lavouras permanentes, distribuídas em 5.724 estabelecimentos agropecuários, já as lavouras temporárias ocupavam em torno de 2.608 hectares em 2.014 unidades. O Censo apontou ainda a existência de 6.057 propriedades rurais difundidas em 66.301 hectares. Levando em conta os dados do Censo agropecuário de 2006 e o Censo demográfico de 2010 podemos afirmar que no período houve

um aumento expressivo no número de domicílios rurais, em contrapartida diminuiu a quantidade de estabelecimentos agropecuários<sup>13</sup>.

**Tabela 1 Produção Agrícola Municipal 2013**

Município	Cultura	Ano	Área Plantada (ha)	Área Colhida (ha)	Quantidade Produzida	Unidade	Valor (R\$ 1.000 )
Valença	Abacaxi	2013	170	170	2.890	1000 Frutos	2.746
	Amendoim (em casca)	2013	70	70	70	t	48
	Banana	2013	530	530	9.010	t	6.127
	Borracha (látex coagulado)	2013	950	950	1.710	t	4.532
	Cacau (em amêndoa)	2013	4.999	4.999	2.280	t	11.012
	Café (em côco)	2013	300	300	270	t	945
	Cana-de-açúcar	2013	170	170	6.460	t	463
	Coco-da-baía	2013	3.600	3.600	21.600	1000 Frutos	12.744
	Dendê (coco)	2013	10.500	10.500	39.900	t	9.377
	Feijão (em grão)	2013	250	250	240	t	480
	Guaraná (semente)	2013	800	800	320	t	2.256
	Laranja	2013	190	190	2.660	t	1.144
	Mamão	2013	108	108	1.944	t	1.215
	Mandioca	2013	3.000	3.000	42.000	t	8.400
	Maracujá	2013	90	90	1.620	t	1.377
	Milho (em grão)	2013	250	250	255	t	102
	Palmito	2013	40	40	280	t	146
	Pimenta-do-reino	2013	160	160	256	t	1.331
	Urucum (semente)	2013	100	100	120	t	168

Fonte: IBGE (2013)- Pesquisa agrícola municipal, Elaboração: SEI (2015)

De acordo com a tabela 01 o produto de maior produção e área de plantio no município era o Dendê, entretanto, o cacau possui maior fatia na produção em valores financeiros. Entre as lavouras temporárias a mandioca possuía a maior produção e área plantada. A pecuária como as demais criações são parcas neste município, numericamente a criação de aves (galinhas, galos, codornas, frangos) e de suínos. Na tabela abaixo apresentamos os dados detalhados da pecuária e as demais criações no município.

<sup>13</sup> A diferença entre domicílios rurais e estabelecimentos agropecuários, é que o primeiro diz respeito ao número de casas e o segundo as unidades produtivas, pois nem sempre a existência de um domicílio na zona rural significa que possua ali produção agrícola ou pecuária, por exemplo.

**Tabela 2 Números da Pecuária Municipal em 2013**

Município	Tipo de Animal	Ano	Quantidade (Cabeça)
Valença	Bovinos	2013	10.400
	Bubalinos	2013	20
	Caprinos	2013	300
	Codornas	2013	2.500
	Equinos	2013	1.800
	Galinhas	2013	65.000
	Galos, Frangas, Frangos e Pintos	2013	115.000
	Ovinos	2013	250
	Suínos	2013	12.500

Fonte: IBGE (2013)- Pesquisa pecuária municipal, Elaboração: SEI (2015)

A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) aponta que no ano de 2006 o setor agropecuário correspondia a 10,77% do Produto Interno Bruto (PIB) municipal. O restante do PIB municipal é assim composto: 13,88% indústria e 75,35% setor de serviços. Em 2010 no município, 29,69% das pessoas com 18 anos ou mais trabalhavam no setor agropecuário.

Em Valença, “97% dos estabelecimentos rurais estão classificados como pequenas e médias propriedades enquanto, no Estado da Bahia, esse quantitativo é de 93%” (SOUSA, 2006, p.81). Sobre a condição do trabalhador em Valença, Sousa (*ibidem*) afirma:

[...] existe uma realidade confortante, onde 96% dos produtores rurais são donos de suas propriedades e de toda área utilizada para atividade agropecuária. Apenas em 2% das mesmas a relação de trabalho se desenvolve no sistema de parceria, arrendamento ou contratação, o que significa afirmar que não há uma tradição local para a existência de latifúndios.

Esse cenário aponta para a centralidade da agricultura familiar neste território e reafirma a agricultura diversificada, desde a chegada dos primeiros colonizadores, em que a agricultura familiar é constituinte característico deste território. A diversidade de culturas cultivadas, criações e quantidades de domicílios agropecuários apontam que este município continua preservando tais características.

Neste primeiro momento nosso esforço consistiu na caracterização em linhas gerais do território em análise. Não coube aqui aprofundar alguns dados, nosso trabalho se restringiu a realizar uma breve incursão descritiva, preocupando-se em situar à realidade em que estão inseridos os sujeitos de nosso estudo.

## 2.2 Métodos e técnicas de investigação da pesquisa sobre a visão política dos jovens rurais de Valença-BA

Posterior à escolha do objeto foi necessário a eleição de um caminho metodológico que considerasse a heterogeneidade e a complexidade das juventudes rurais e os incipientes trabalhos sobre estes sujeitos no Brasil. Levando em conta, ainda, que meu acesso prévio ao campo se deu por uma vivência pessoal como filho de agricultores familiares e não como pesquisador, e dada a inexistência de dados sistematizados em outros trabalhos que versassem sobre os jovens rurais de Valença, optamos por uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa.

No que se refere à realização do trabalho de campo utilizamos a técnica de entrevista semi-estruturada de cunho qualitativo. A entrevista na óptica de Haguette (1995, *apud* LIMA, *et al*, 1999, p. 133), “é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central”. No caso desta análise optou-se pela entrevista semi-estruturada, por possibilitar ao entrevistado discorrer espontaneamente sobre suas experiências, e por permitir certa flexibilidade no decorrer do diálogo, proporcionando ao pesquisador a oportunidade de levantar novos questionamentos e com isso extrair mais contribuições do entrevistado. Justifica-se ainda o uso desta técnica pela diversidade presente nos jovens rurais, pois correríamos o risco de não adequar o instrumental às realidades dos sujeitos em questão.

No tocante à formulação do roteiro de entrevista alguns tópicos foram considerados essenciais, dentre eles o desejo de permanência ou saída do campo, as influências, projetos de vida, grau de escolarização, acesso à informação e a renda. O roteiro foi composto de seis blocos de indagações: 1- Perfil do jovem entrevistado; 2- Formação escolar e as aspirações futuras; 3- Tempo livre e lazer; 4- Trabalho no campo; 5- Perspectiva de permanência no campo ou saída do campo; 6- Visão Política do Jovem rural.

Além do roteiro de pesquisa foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). “O TCLE é um documento que informa e esclarece o sujeito da pesquisa de maneira que ele possa tomar sua decisão de forma justa e sem constrangimentos sobre a sua participação em um projeto de pesquisa” (UFAM, 2015). Após a leitura consciente, cada entrevistado assinou duas vias do TCLE, uma das vias assinadas fica com os sujeitos entrevistados e outra é recolhida para ser arquivada pelo pesquisador. O TCLE “é uma



proteção legal e moral do pesquisador e do pesquisado, visto ambos estarem assumindo responsabilidades” (*ibidem*).

### 2.2.1 A ida ao campo: desafios e riquezas

Farei aqui um breve relato sobre minhas vivências no campo de pesquisa. Desde a escolha do objeto até esta fase, foram muitas às expectativas. Geralmente, quando eu pensava em pesquisa, logo me reportava às grandes descobertas, ou ir ao desconhecido onde tudo era novidade. Lembrei-me das pesquisas antropológicas de Alba Zaluar<sup>14</sup> em Cidade de Deus no Rio de Janeiro ou ainda de outros relatos de investigações etnográficas em comunidades indígenas e tradicionais. Em todas elas retratavam algo novo, distante das realidades dos pesquisadores.

Entretanto, esta pesquisa difere de muitas outras, pois me possibilitou na qualidade de pesquisador defrontar-me com minha própria realidade, com meu mundo e as coisas cotidianas de minha vida. Os sujeitos entrevistados possuíam características com as quais me identifico, talvez seja por isso que este momento foi composto de uma dualidade de sentimentos. O primeiro, o prazer, pois seria uma maneira de falar da minha realidade. Afinal eles eram jovens e do mesmo universo rural de que eu participei durante toda minha vida e com o qual mantenho laços afetivos. Por outro lado, a incerteza se as respostas dadas por eles, porventura poderiam ser influenciadas pelo fato de conhecê-los.

A pesquisa foi um processo constituído de muito amadurecimento, onde minha inexperiência era vencida a cada entrevista realizada. Geralmente demorava cerca uma semana para realizar uma ou mais entrevistas, prazo suficiente para uma auto-avaliação de minha postura como pesquisador, não cometendo mais os erros anteriores, procurando realizá-las com mais calma, sem atropelos, ouvindo-os mais.

Ouvir talvez seja o principal ofício do pesquisador, o entrevistado acabava se sentindo importante, pelo convite para participar da entrevista. Muitos me relaram ao final das entrevistas a satisfação em estar colaborando num trabalho sobre suas realidades. Quando eu solicitava-os para a participação na pesquisa, era perceptível certo nervosismo e a surpresa.

---

<sup>14</sup> ZALUAR, Alba. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva (p. 9-32). In: **A máquina revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1985.

Antes de realizar as entrevistas, dada a dimensão territorial e demográfica do município e o pouco tempo para realização das entrevistas, fizeram-se necessário selecionar os jovens que moravam mais próximos de minha residência.

Delimitado o universo da pesquisa os passos seguintes foram elaborar os critérios para as escolhas dos entrevistados. Pelo fato de conhecê-los, considerei alguns aspectos importantes, o primeiro deles a própria literatura me direcionou. Um desses critérios foi o de não considerar somente a simples divisão etária. Por esta razão, *a priori* elegi como critério inicial a disponibilidade dos sujeitos em participar da pesquisa, e a inserção deles direta ou indireta, em organizações de cunho associativista com determinadas inclinação políticas.

Visto que, em uma oportunidade anterior, havia realizado algumas oficinas com um grupo de jovens na associação de moradores, vi a possibilidade de entrevistá-los, pois já estavam inseridos mais diretamente no processo de formação política. Outro aspecto foi à participação deles no grupo de jovens da Pastoral da Juventude (PJ) do qual faço parte, o que facilitou o primeiro contato. Acabei durante as reuniões da Pastoral solicitando à possibilidade de entrevistá-los. Por fim, inspirado na técnica de seleção de entrevistado conhecida como bola de neve (*snow ball*), deixei que cada pessoa fosse me indicando outros sujeitos que poderia contribuir com sua experiência na pesquisa. Essa técnica de seleção de sujeitos para pesquisa no ajuda a identificar as relações sociais que se formam entre eles.

No momento de agendar a entrevista, explicava a sua finalidade e que seu conteúdo seria acerca de suas experiências cotidianas. Foram entrevistados sete jovens moradores das comunidades supracitadas. Um primeiro empecilho nesta fase foi conseguir agendar uma data que favorecesse as duas partes (entrevistado e o entrevistador). Nesse processo não consegui realizar todas as entrevistas que havia pretendido. Em alguns casos tentei por mais de uma vez e acabei não dando conta em tempo hábil de entrevistá-los. Outras entrevistas me requisitaram duas ou mais idas para que se efetivassem e houve ainda o encontro por acaso de pessoas que se dispuseram a serem entrevistadas.

Ainda em relação aos encontros para a realização da pesquisa, cabe elucidar outros fatores que dificultaram este processo. A maioria das entrevistas aconteceu nos finais de semana (sábado e domingo), em que por diversas vezes os jovens estavam em outras atividades, sobretudo as de lazer. A realização das entrevistas durante a semana era muito difícil, pois muitos deles estudam e trabalham.

Outro desafio no percurso da pesquisa eram os espaços físicos onde aconteceram as entrevistas. Percebia que os sujeitos entrevistados ficavam à vontade, quando estávamos em

um espaço sozinhos, mas por algum motivo quando entrava alguém no momento da entrevista se podia perceber um desconforto deles. Essa aproximação de outros sujeitos durante a entrevista era em função da curiosidade de saber do que se tratava.

As entrevistas foram todas realizadas com a utilização de gravador. Foi explicado que o uso do gravador era para manter a fidelidade aos dados fornecidos pelos entrevistados. Isto de início inibiu os entrevistados, muitos relataram o desconforto quando eu perguntava-lhes se poderia utilizar o gravador. Assustada a maioria me dizia: “*vai gravar, é?*”. Isso me reporta a Zaluar, quando relatava que o gravador a princípio é um objeto de temor, que amedronta o entrevistado. Mas ao final eles mesmos relatavam que haviam se esquecido do gravador, pela segurança em que as questões foram colocadas e por construirmos ali um diálogo de confiança.

No que diz respeito ao perfil dos sujeitos participantes desta pesquisa, foram entrevistados sete jovens moradores das comunidades rurais da Várzea e Bananeira no município de Valença-BA. Destes, cinco são do sexo masculino. Todos estavam solteiros, não possuíam filhos, moravam nas casas dos pais (todos os imóveis eram próprios) e tinham renda familiar mensal aproximada entre um e dois salários mínimos. Todos dispõem de um televisor em suas residências e apenas três deles usufruíam de computadores com acesso à internet.

Quatro dos entrevistados já haviam concluído o ensino médio, dois estavam cursando uma graduação. E apenas um dos entrevistados cursava o nível fundamental. No tocante a escolarização de seus pais, à exceção da mãe de um dos entrevistados com ensino médio completo, todos os demais possuíam o ensino fundamental incompleto. Os entrevistados tinham a idade mínima de 16 anos e a máxima de 26 anos. Todos tiveram sua formação até o ensino médio em escolas públicas, apenas um deles cursa o ensino superior em uma instituição privada.

Os jovens são todos filhos de pequenos agricultores e a todos foi oportunizada a formação escolar, coisa desafiadora em gerações anteriores, somente um dos entrevistados havia desistido da escola. Entretanto, no período da pesquisa já havia realizado a matrícula para o retorno aos estudos. É perceptível na maioria deles a vontade de cursar uma graduação, mas as condições financeiras aparecem ainda como a maior barreira para que isto se concretize. Nas suas falas deixam transparecer uma dualidade, há incentivo de seus pais para a continuação dos estudos, por outro eles também queriam que seus filhos permanecessem no campo.

Percebi também a importância da agricultura familiar na vida destes jovens, todos os entrevistados ajudam seus pais no período de plantio e na colheita ou trabalham ativamente na agricultura. Nenhum deles possui remuneração fixa e não têm carteira de trabalho assinada. Em todos os casos nunca trabalharam fora do campo, exceto um jovem que ajuda o tio semanalmente em seu comércio na zona urbana. Acerca da vida no campo todos relataram gostar de residir no campo. Subjetivamente, percebi nos seus depoimentos que todos sonham com um futuro melhor e que sair meio rural não é uma escolha fácil.

Por fim, todos relaram a satisfação em participar como interlocutores de uma pesquisa, a maioria deles pela primeira vez. No próximo capítulo traremos os dados, este primeiro momento objetivou mostrar o ambiente em que aconteceram as entrevistas, resgatando o percurso metodológico, para um aprofundamento da análise no momento seguinte.

### 3. OS JOVENS RURAIS DE VALENÇA-BA: ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Tendo anteriormente caracterizado o município de Valença em seus aspectos socioeconômicos, bem como os caminhos metodológicos que precederam esta análise e que conduziram esta investigação. Agora no terceiro capítulo apresentaremos os resultados das análises dos dados colhidos nas entrevistas semi-estruturadas com os jovens rurais no município de Valença-BA, que aceitaram colaborar prestando informações e expondo suas opiniões.

Num primeiro momento apresentaremos a metodologia utilizada no tratamento dos dados, que é a análise de conteúdo. Dentro da análise de conteúdo encontramos uma diversidade de técnicas. Para este estudo nós elegemos a análise categorial, com base nos pressupostos teóricos explanados no primeiro capítulo. O objetivo deste primeiro tópico é o de elucidar as razões que balizaram a adoção desta metodologia.

No segundo tópico abordaremos os principais temas tratados nas entrevistas, tais como **educação, trabalho, lazer, família, cidade x campo e visão política**, dando voz aos jovens entrevistados. E por fim, faremos uma síntese de todas as entrevistas segundo seus diversos temas.

Antes de seguirmos, cabe pontuarmos que nosso objetivo aqui foi iniciar um trabalho exploratório deste campo de investigações ainda pouco esmiuçado, o das juventudes rurais. O caráter aproximativo do nosso estudo se justifica em particular por não haver trabalhos anteriores sobre a juventude rural na cidade de Valença. Esperamos que os resultados a seguir expostos possam subsidiar novos olhares e futuras análises mais aprofundadas sobre esse campo ainda bastante inexplorado. Antes de seguirmos, cabe pontuarmos que nosso objetivo aqui foi iniciar um trabalho exploratório deste campo de investigações ainda pouco esmiuçado, o das juventudes rurais. O caráter aproximativo do nosso estudo se justifica em particular por não haver trabalhos anteriores sobre a juventude rural na cidade de Valença. Esperamos que os resultados a seguir expostos possam subsidiar novos olhares e futuras análises mais aprofundadas sobre esse campo ainda bastante inexplorado.

### 3.1. Por que a análise de conteúdo?

A análise de conteúdo é a metodologia de que lançamos mão para este trabalho monográfico. Cabe de início justificar esta escolha e sua viabilidade para esta análise. Segundo Bardin (2011, p.15) a análise de conteúdo é

[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (constituídos e continentes) extremamente diversificados. [...] Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente [...]” (*ibidem*).

Apesar da análise de conteúdo não se aprofundar tanto como a análise de discurso no desvendamento daquilo que está oculto, ao trazer à tona o não-dito no conjunto das formações discursivas, seu objetivo é ir além do conteúdo aparente e desvendar as visões de mundo dos sujeitos sociais e históricos. Pelo menos é esse o propósito da análise de conteúdo de cunho qualitativo, a exemplo da análise categorial. Em poucas palavras, “a análise de conteúdo deve começar onde os modos tradicionais de investigações acabam” (LASSWELL; LERNER; POOL, *apud* BARDIN, 2011, p. 19).

A análise de conteúdo nasce nos Estados Unidos no século XX, tendo seu pontapé na Escola de Jornalismo de Columbia, como instrumento de análise das comunicações, principalmente em jornais e revistas. “Nesta época o rigor científico invocado é o da medida e o material analisado é essencialmente jornalístico” (*ibidem*, p.21).

A noção equivocada de que o maior critério de cientificidade seria a exatidão certamente levou inicialmente a análise de conteúdo a se desenvolver em pesquisas quantitativas. Entretanto, nos últimos cinquenta anos há um crescente uso em trabalhos de natureza qualitativa. Nas palavras de Moraes (1999, p.8),

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Dentro do leque de técnicas na análise de conteúdo, optamos pela análise categorial. Na acepção de Bardin (2011, p.201) cronologicamente este tipo análise

[...] é a mais antiga; na prática é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógico. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos

temas, ou *análise temática*, é rápida, e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples.

A análise categorial serve de base para as demais fases da investigação, possibilitando ao pesquisador trabalhar *a priori* com esta técnica. Num momento seguinte o investigador poderá fazer uso de outros métodos e técnicas, como a análise de discurso, sempre atentando para o caráter dinâmico nos estudos qualitativos da reavaliação de suas hipóteses iniciais.

As razões do uso da análise de conteúdo neste trabalho levaram em conta três elementos centrais. O primeiro deles é o caráter exploratório desta pesquisa, a inexistência de uma literatura específica sobre o campo de pesquisa que nos norteasse. Não encontramos nenhum estudo específico sobre as *juventudes rurais* na cidade de Valença. Tal circunstância nos exigiu um levantamento inicial de dados que pudessem sugerir novas categorias de análise para trabalhos mais aprofundados. A análise de conteúdo possibilita ao pesquisador revisar posteriormente suas análises. Além disso, ela nos permitirá a construção de novas hipóteses e de categorizações da realidade que nos possibilitarão elaborar instrumentos de coleta de dados quantitativos, como o questionário.

O segundo elemento é a limitação de tempo para a realização desta monografia, que não possibilitou neste momento a utilização de outros métodos, como a análise de discurso. Ela exigiria maior tempo e estratégias mais detalhadas de coleta de dados. A terceira justificativa recai sobre o fato da análise de conteúdo não excluir a possibilidade, como já foi sinalizado algumas vezes, de sua utilização ser considerada uma tarefa preliminar à própria análise de discurso. Nesse sentido, podemos considerar a análise de conteúdo como uma etapa preliminar da análise de discurso

Em linhas gerais nossa opção pela análise de conteúdo se justifica por ela possibilitar “[...] o atendimento de inúmeras necessidades de pesquisadores envolvidos na análise de dados de comunicação, especialmente aqueles voltados a uma abordagem qualitativa” (MORAES, p.31), sendo a nossa principal necessidade a de ir além do conteúdo aparente das falas de nossos colaboradores na pesquisa, os jovens rurais da cidade de Valença. Para desvendar suas perspectivas políticas, a análise de discurso seria mais adequada, porém o nível ainda exploratório de nosso trabalho indicou ser mais prudente, neste momento, nos limitarmos à análise de conteúdo.

O uso da análise de conteúdo nos permitiu fazer um levantamento dos principais temas no texto e estabelecer relações entre eles. Para um estudo de caráter exploratório, identificar os principais temas e suas relações, bem como as pistas que eles fornecem para uma análise

política de maior profundidade, já seria suficiente. No tópico a seguir esboçaremos separadamente os principais temas tratados nas entrevistas.

### 3.2. Temas tratados nas entrevistas

Antes de adentrarmos nos dados, cabe aqui evidenciar que nesta pesquisa nossos interlocutores são de uma classe social definida. Pertencem à classe dos filhos e filhas de trabalhadores da agricultora familiar. Tendo em vista que um dos objetivos neste trabalho monográfico é dar visibilidade aos jovens rurais, neste tópico optamos em apresentar as falas desses sujeitos, segundo os temas tratados nas entrevistas.

Cabe neste início apresentar um perfil individual dos sujeitos participantes de nossa pesquisa. A fim de resguardarmos a ética, mantendo o sigilo das pessoas entrevistadas, optamos em dar nomes fictícios a estes sujeitos, ao logo da exposição dos dados. Os nomes escolhidos são uma homenagem a todas as vítimas da luta camponesa, sete mártires dentre muitos, que deram suas vidas em prol da luta pelos direitos dos povos tradicionais, quilombolas, indígenas e sem-terras. Informamos por intermédio de notas de roda-pé a justificativa pela seleção dos nomes.

**Chico Mendes**<sup>15</sup>, 16 anos, solteiro, nascido na cidade de Valença, possui uma renda mensal familiar aproximada de *um salário mínimo*. Tem o ensino fundamental incompleto, parou de estudar, mas informou estar matriculado neste ano letivo no turno noturno. Trabalha na agricultura com sua família e eventualmente em outras propriedades, é remunerado na atividade que exerce e pretende continuar a trabalhar nas mesmas atividades atuais.

**Eugênio Lyra**<sup>16</sup>, 17 anos, solteiro, não possui filhos, nascido na cidade de Valença, possui uma renda mensal familiar aproximada de *R\$ 1.200,00*. Mora com os pais e cursa o 3º

---

<sup>15</sup> Chico Mendes (1944-1988): “foi um líder seringueiro, sindicalista e ativista ambiental brasileiro. Lutou pela preservação da Floresta Amazônica e suas seringueiras nativas. Recebeu da ONU o Prêmio Global de preservação ambiental. No dia 22 de dezembro de 1988, ao sair de sua casa em Xapuri, Chico Mendes é assassinado com tiros de escopeta, deixando esposa e dois filhos pequenos. Em dezembro de 1990, a justiça brasileira condenou o fazendeiro Darly Alves a dezenove anos de prisão pela morte de Chico Mendes” (<http://martiresal.blogspot.com.br/>).

<sup>16</sup> Eugênio Lyra, advogado, dedicou sua vida à defesa dos trabalhadores rurais, dos posseiros ameaçados pela grilagem da terra no Além São Francisco. “Morreu numa quinta-feira, 22 de setembro de 1977, aos 30 anos de idade, quando saía à luz do dia da barbearia em Santa Maria da Vitória, ao lado de sua mulher Lúcia Lyra, também advogada, grávida de cinco meses. Do nada surgiu o pistoleiro Wilson Gusmão, apontou a arma para a testa de Eugênio Lyra e atirou. Morreu ali mesmo, nos braços de sua mulher. Eugênio Lyra iria a Salvador no dia



ano do ensino médio. Desloca-se diariamente para estudar na sede do município. Pretende dar continuidade aos seus estudos graduando-se em história. Não possui trabalho formal, mas ajuda seus pais numa pequena fábrica de poupas de frutas.

**Antônio Henrique<sup>17</sup>**, 19 anos, solteiro, se auto-afirmou branco, não possui filhos, nascido na cidade de Santo Antônio de Jesus-BA. Possui uma renda mensal familiar aproximada de R\$ 900,00. Mora com os pais, já concluiu o ensino médio e trabalha atualmente na agricultura com sua família e afirmou que é remunerado pelo seu trabalho esporadicamente.

**Paulo Sérgio Santos<sup>18</sup>**, 16 anos, solteiro, não possui filhos, nascido na cidade de Valença-BA, possui renda mensal familiar aproximada de R\$ 1.000,00. Mora com os pais e está cursando o 2º ano do ensino médio. Trabalha na agricultura com sua família e sendo remunerado algumas vezes.

**Josimo Moraes Tavares<sup>19</sup>**, 19 anos, solteiro, não possui filhos, nascido na cidade Valença-BA, possui renda mensal familiar aproximada de *um salário mínimo*. Mora com a mãe e está cursando o 1º semestre da graduação em fisioterapia numa faculdade particular localizada no município vizinho, onde se desloca diariamente para aulas. Não trabalha, apenas ajuda sua mãe na colheita das lavouras.

**Margarida Maria Alves<sup>20</sup>**, 26 anos, solteira, não possui filhos, nascida na cidade de Valença, possui uma renda familiar mensal aproximada de *um salário mínimo*. Mora com a

---

seguinte para prestar depoimento na CPI da Grilagem nesta Assembléia Legislativa da Bahia” (<http://martiresal.blogspot.com.br/>).

<sup>17</sup>“Pe. Antônio Henrique Professor e especialista em problemas da juventude, desenvolvia atividades junto ao Arcebispo Dom Helder Câmara. Por sua destacada posição, firmemente contrária aos métodos de repressão utilizados pelo governo, tendo como destaque a missa que celebrou em memória do estudante Edson Luiz de Lima Souto, Padre Antônio Henrique passou a receber constantes ameaças de morte por parte do chamado CCC. No dia 26 de maio, foi seqüestrado, por este mesmo CCC. Seu corpo foi encontrado, no dia seguinte, em um matagal existente na Cidade Universitária de Recife, pendurado de cabeça para baixo, em uma árvore, com marcas evidentes de tortura: espancamento, queimaduras de cigarro, cortes profundos por todo o corpo, castração, e dois ferimentos produzidos por arma de fogo” (*ibidem*).

<sup>18</sup>Morador de Nova Viçosa-BA era líder da Comunidade Quilombola Rio do Sul Nelson Mandela. Foi assassinado no dia 06 de julho de 2014.

<sup>19</sup>Conhecido como Padre Josimo, defensor dos lavradores, foi assassinado no dia 10 de maio de 1986, aos 33 anos na cidade de Imperatriz no prédio, onde funcionava a Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Araguaia-Tocantins – conhecida com “CPT do Bico” –, na qual Josimo Tavares atuava como coordenador (<http://martiresal.blogspot.com.br/>).

<sup>20</sup> Margarida Maria Alves nasceu Alagoa Grande em 5 de agosto de 1933. Foi uma sindicalista brasileira, Durante o período em que esteve à frente do sindicato local, foi responsável por mais de cem ações trabalhistas na justiça do trabalho regional, tendo sido a primeira mulher a lutar pelos direitos trabalhistas no estado da Paraíba durante a ditadura militar. Postumamente, recebeu o Prêmio Pax Christi Internacional em 1988. A sindicalista foi assassinada em Alagoa Grande em 12 de agosto de 1983 por um matador de aluguel com uma escopeta calibre 12. O tiro a atingiu no rosto, deformando sua face. No momento do disparo, ela estava em frente à sua casa, na presença do marido e do filho (<http://martiresal.blogspot.com.br/>).

mãe e possui o ensino médio completo. Trabalha atualmente auxiliando uma professora na sala aula e este trabalho é remunerado.

**Dorothy Stang**<sup>21</sup>, 26 anos, solteira, não possui filhos, nascida na cidade de Mutuípe, possui uma renda familiar mensal aproximada de *dois salários mínimos*. Mora com os pais, estar cursando o ensino técnico em enfermagem e iniciou a faculdade em ciências contábeis. Ajuda seus pais no período da colheita das lavouras, sendo remunerada por isto.

Dito isto, a seguir abordaremos os temas: educação, trabalho, lazer, família, cidade x campo e visão política. Eles serão tratados individualmente, seguindo a linha que delineamos para a análise de conteúdo, tendo em vista o roteiro da entrevista e as categorias teóricas inicialmente traçadas no debate sobre estratificação social. Em seguida avançamos uma visão global, num esforço de síntese, das opiniões dos temas tratados nas entrevistas.

### 3.2.1. Educação

A história da educação no meio rural brasileiro é marcada pelos altos índices de analfabetismo, salas multisseriadas, as longas distâncias das escolas para as residências dos estudantes, a evasão por conta do trabalho precoce e a não adequação dos conteúdos didáticos à realidade dos estudantes rurais. Apesar dos avanços nas últimas décadas, são muitas as problemáticas que ainda incidem na realidade educacional do País.

Na busca por melhores condições educacionais e financeiras, a migração para os centros urbanos se constitui ainda como o principal caminho para milhares de jovens rurais. Para uma grande maioria deles, caso queiram cursar o ensino médio, dois caminhos serão postos: morar na cidade, longe da família, ou dirigir-se diariamente aos centros urbanos, mantendo o vínculo de proteção de seus pais e a ajuda financeira.

---

<sup>21</sup> A vida de Dorothy Stang foi marcada por uma intensa luta pelo direito à terra dos numerosos camponeses que migraram para o Norte do país em busca de sustento. O primeiro destino da missionária nascida nos Estados Unidos, mas naturalizada brasileira, foi o município de Coroatá, no Maranhão, onde chegou em 1966, aos 35 anos. Freira da Congregação Notre Dame de Namur, irmã Dorothy percebeu cedo o movimento de exploração que começava a tomar conta da Floresta Amazônica. Incentivados pelo governo, muitos fazendeiros derrubavam a mata e faziam testes para saber o que poderia ser produzido ali. Como consequência, pequenos agricultores vindos do Nordeste, em especial do Maranhão, começaram a ser expulsos e a migrar para regiões do interior do Pará. Em 12 de fevereiro de 2005 a missionária foi morta por seis tiros enquanto caminhava por uma estrada de difícil acesso. O principal mandante do crime, o fazendeiro Regivaldo Pereira Galvão, conhecido como *Taradão*, aguarda o fim do processo em liberdade, após habeas corpus concedido pelo ministro Marco Aurélio de Melo no Superior Tribunal de Justiça (STJ). (*ibidem*).

Percebemos na realidade dos jovens entrevistados que eles já possuem um nível de formação escolar superior ao dos seus pais. Tendo em vista que o acesso à educação nas gerações anteriores neste contexto era muito difícil. Evidenciamos nas falas dos entrevistados que os pais desejam que eles sigam seus estudos para que alcancem melhores condições de vida: *“De uma forma geral, é essa: que eu estude [...]”* (Eugênio Lyra); *“Eles não querem que eu saia de perto deles, mas eles dão uma força para que possa ser alguém melhor”* (Paulo Sergio Santos).

No que tange à educação identificamos nas falas dos jovens entrevistados algumas perspectivas, a primeira delas diz respeito ao papel da escolarização como forma de ascensão social. Por exemplo, quando questionados sobre o porquê de pretenderem continuar seus estudos eles responderam: *“[...] quem sabe um dia, consigo mais alguma coisa!”* (Chico Mendes); *“Ser alguém na vida, crescer mais!”*; (Paulo Sergio Santos) *“estudar, me formar, ser um bom profissional na área que tou me formando!”* (Josimo Morais Tavares). Percebemos em suas falas que a educação está diretamente ligada às possibilidades de um futuro melhor. A educação representa para os jovens rurais uma vantagem, que é a possibilidade de construir melhores condições profissionais e financeiras (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 07).

Nos discursos ficam evidenciados que estudar ainda é um desafio no campo. Os jovens relatam diversos obstáculos, em especial para aqueles que já concluíram o ensino médio em dar continuidade cursando uma graduação. Conforme ponderam alguns deles: *“é aquela questão financeira, a questão financeira atrapalha um pouco”* (Margarida Maria Alves); *“a questão de trabalho no caso, o mercado de trabalho não tá muito bom!”* (Dorothy Stang); *“a falta de incentivo!”* (Eugênio Lyra); *“questão de deslocamento, questão de distância”* (Antônio Henrique). O entrevistado Josimo Morais Tavares relatou a dificuldade no processo de financiamento de sua bolsa para sua graduação:

Rapaz, dificuldade financeira, dificuldade com o processo do que tava indo buscar, do FIES<sup>22</sup>, foi um momento que tive bastante dificuldade pra ter que tá fazendo inscrição, tudo isso, mas deu tudo certo, por enquanto tá só começando [...].

Outros entrevistados responderam que o principal obstáculo seria o próprio desinteresse pelos estudos. No entanto, mesmo os que apontam desânimo em continuar sua

---

<sup>22</sup>“Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. Podem recorrer ao financiamento os estudantes matriculados em cursos superiores que tenham avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação” (Disponível em: <<http://sisfiesportal.mec.gov.br/fies.html>>. Acesso em 20 mai. 20015 às 00h25min).

formação escolarizada, também enxergam a educação como um meio para obter melhores oportunidades de vida no futuro. No quesito educação, pudemos identificar o desânimo ocasionado pela dificuldade de continuar os estudos no meio rural.

Em síntese, os dados aqui expostos sobre a categoria educação, confirmam o que nos dizem as autoras Menezes, Souza e Pereira:

[...] o grau de escolaridade dos jovens rurais tem aumentado em relação àquele dos pais. Ao mesmo tempo dar continuidade aos estudos está condicionado a alguns fatores, dentre eles, a oferta de ensino noturno nas imediações da moradia dos jovens, e uma condição social e financeira familiar favorável. Os jovens rurais correlacionam o estudo com oportunidades de emprego. Muitos deles trabalham [ou estudam] na cidade, mas, continuam morando com os pais, porque se sentem protegidos e também para evitar gastos com a sua permanência na cidade (2012, p.07).

### 3.2. 2. Lazer

Outra categoria trabalhada em nossa investigação foi o lazer segundo Carneiro (1998 *apud* CARVALHO *et. al*, 2009, p.6), “a ausência de espaços de lazer é responsável, entre outros fatores, pela avaliação negativa do campo em relação à cidade e pelo desejo de migração”.

Perguntamos aos jovens rurais como eles aproveitam seu tempo livre e se a busca por lazer influenciava no seu desejo de saída do campo. Visto que as atividades de lazer no campo não são muitas, alguns jovens se sentem atraídos pelo universo urbano e pela diversidade de práticas esportivas nele oferecidas, por lugares de encontro entre pessoas da mesma faixa etária, como cinemas, shoppings, parques e outros.

Dentre as atividades que realizam no tempo livre, destacam-se o acesso à *Internet*, sair com os amigos, assistir televisão e a ida à Igreja. Quando os questionamos acerca de outras atividades que gostariam de realizar, mas que a vida do campo não os permitiam, todos pontuaram algumas atividades culturais ou esportivas: “*Se aqui tivesse mais áreas de turismo ajudaria, é por que vêm pessoas diferentes!*” (Margarida Maria Alves); “*cinema se tivesse um cinema, alguma coisa voltado pra gente na zona rural né? A questão do cinema, pra gente tá vendo coisas culturais, coisas sobre músicas, música de qualidade*” (Dorothy Stang).

Entretanto, segundo a maioria deles, essas questões não influenciam no desejo de migrar para a cidade: “*não, até o momento tou gostando! tá bom!*” (Dorothy Stang); “*acho que não*” (Chico Mendes); “*não!*” (Josimo Morais Tavares); “*no momento não!*” (Margarida Maria Alves).

De modo geral, as respostas nos conduzem à reflexão de que o lazer não se constitui, pelo menos para alguns jovens rurais da cidade de Valença, como um fator de expulsão dos jovens do campo.

### 3.2.3. Trabalho

O trabalho no campo inicia muito cedo na vida do jovem, na maioria das vezes ainda enquanto criança. Inicialmente eles realizam trabalhos mais leves, aos pouco vão desempenhando as mesmas tarefas que seus pais. Dependendo das posses da família o jovem trabalha no próprio grupo familiar ou em propriedades circunvizinhas. Os trabalhos rurais, sobretudo nas pequenas propriedades, são essencialmente braçais e de baixa remuneração.

No que tange ao trabalho, a literatura sobre a temática aponta duas razões centrais para a saída dos jovens do meio rural: a primeira é a oferta de trabalho remunerado e a segunda razão são as dificuldades do trabalho agrícola (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 05).

Todos os entrevistados de maneira direta ou esporádica participam de trabalhos na agricultura, na maioria das vezes na propriedade de seus pais e são remunerados em suas funções. Veja suas respostas quando perguntamos o tipo de trabalho que realizavam: “*eu roço, tiro cacau, um bocado de coisa, eu faço um bocado de coisa*” (Chico Mendes); “*tiro poupas*” (Eugênio Lyra); “*agricultor*” (Antônio Henrique); “*enxada, roçadeira, tirar cacau, várias coisas*” (Paulo Sérgio Santos); “*roçadeira, colheita de cacau, várias coisas*” (Josimo Morais Tavares); “*mais na parte da colheita*” (Dorothy Stang).

Neste grupo de entrevistados encontramos três diferentes relações de trabalho. A primeira diz respeito aos jovens que trabalham diretamente na agricultura e são remunerados nas atividades que exercem, “*eu trabalho na roça [o trabalho é remunerado?] sim!*” (Chico Mendes). O segundo grupo é composto por jovens que ajudam seus pais, participando mais no período do plantio e colheita. Esses jovens geralmente são mal remunerados ou não recebem nenhum tipo de remuneração, possuindo os estudos como função principal – realidade essa evidenciada nas falas a seguir: “*recebo comida, a comida de dentro de casa e a morada (risos), não pode cobrar não!*” (Paulo Sergio Santos); “*Não, trabalho pra minha mãe*” (Josimo Morais Tavares). O terceiro tipo de relações trabalhistas seria composto por sujeitos que não trabalham na agricultura e possuem remuneração, a exemplo de Margarida Maria Alves: “*eu auxílio uma professora na sala de aula*”.

Percebemos nas falas desses sujeitos uma preocupação com o futuro. Ao serem questionados como destinavam suas remunerações, eles respondiam: “*a maioria, uma boa*

*parte eu guardo!*” (Chico Mendes); *“investir em coisa melhor para mim!”* (Paulo Sérgio Santos); *“[...] parte eu guardo no banco eu tenho uma poupança a outra eu vou suprindo as necessidades básicas”* (Margarida Maria Alves); *“eu invisto tudo no estudo!”* (Dorothy Stang).

Todos afirmaram que o trabalho não dificulta no andamento dos estudos. Nenhum deles trabalhou fora do campo. Todos possuem boas relações com seus pais ou empregadores, com quem desenvolvem as tarefas no campo. Caberia aqui aprofundar numa pesquisa posterior mais esta relação, tendo em vista que muitos estudos colocam a relação de hierarquia no grupo familiar como fator que contribui para a saída dos jovens do meio rural.

Ao perguntar que tipo de trabalho lhe permitiria alcançar seus objetivos, Eugênio Lyra respondeu:

[...] é uma dependência de duas partes, tanto da agrícola, quanto da urbana, as duas eu acho, quer dizer, uma pode até ajudar ter uma profissão, exercer uma profissão adequada, mais ou menos as duas, eu acho que as duas, é têm possibilidade de você conseguir algo.

Já o Antônio Henrique relata: *“um trabalho que fosse na zona urbana né!”* O entrevistado Paulo Sérgio Santos não soube responder. Margarida Maria Alves relata: *“aqui hoje, é a atividade de trabalhar com poupas, hoje tá dando uma renda boa para as pessoas daqui e é um trabalho fácil e dá pra levar a vida!”*.

No tocante à pretensão de permanência no campo realizando as atuais atividades, Chico Mendes afirma: *“sim, estou satisfeito com o que faço!”*. Já os entrevistados Eugênio Lyra e Dorothy Stang são estudantes e pretendem trazer seus conhecimentos para suas comunidades de origem: *“Sim, estudar e não sair daqui, tentar trazer o conhecimento que ter, pra ficar na zona rural”* (Dorothy Stang). No caso da entrevistada Dorothy Stang, ele pretende exercer sua profissão na área da enfermagem, de preferência na sua própria comunidade. Já o entrevistado Margarida Maria Alves diz: *“sim, por enquanto sim, até aparecer algo melhor”*.

As falas dos sujeitos confirmam o que a literatura já havia nos sinalizado, que os jovens não pretendem continuar trabalhando na agricultura. E uma das razões que os levariam a deixar o meio rural seria a oportunidade de trabalho remunerado.

Como havíamos já evidenciado em páginas anteriores deste trabalho, os jovens entrevistados fazem parte de um mesmo estrato social, são da mesma classe, filhos e filhas de pequenos agricultores, que assim como seus pais, vêm na cidade uma oportunidade de ascensão social. Confirmando assim o que dizem Menezes; Souza e Pereira (2012, p. 05):

“[...] há uma rejeição dos filhos em substituir aos pais, eles não aceitam o modo como os pais vivem. Os jovens consideram o trabalho agrícola árduo”.

### 3.2.4. Campo x Cidade

Grande parte das pesquisas que tratam dos jovens rurais relaciona direta ou indiretamente esses sujeitos às perspectivas de permanência ou saída do campo. A intensa migração dos jovens do campo para as cidades favoreceu o processo de invisibilidade destes sujeitos. “*Ficar ou sair do campo é mais complexo que a leitura da atração pela cidade, e nos remete à análise de juventude rural como uma categoria social chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo*” (CASTRO 2009, p.205). Afinal, o que desejam estes sujeitos: *sair ou ficar?*

A vida no campo é composta de uma dualidade, que se evidencia constantemente nas falas dos jovens. Em alguns momentos eles supervalorizam o ambiente rural atribuindo-lhe qualidades que não se encontram nas cidades, até mesmo desmistificando alguns estereótipos amplamente difundidos, por outro lado eles apontam as dificuldades de residir neste universo. Quando perguntei o que eles achavam da vida no campo, responderam-me: “*Eu acho melhor que na cidade*” (Chico Mendes); “*É, com todas as dificuldades, mas é boa!*” (Antônio Henrique); “*Por um lado boa, por outro ruim!*” (Paulo Sergio Santos); “*eu acho boa, não tenho do que reclamar, eu acho um pouco difícil, não é ruim, mas lá fora seria melhor!*” (Josimo Morais Tavares); “*Eu gosto muito, eu não troco não pela vida pela agitação da cidade não*” (Margarida Maria Alves); “*Eu acho uma vida boa, tranquila, agora principalmente que têm internet, você fica mais com acesso à informação*” (Dorothy Stang).

“Eu acho que a vida aqui no campo, é, falta mais oportunidade para as pessoas, principalmente pra **juventude**, é um fator que é de fundamental importância, tanto para a geração de futuros profissionais da zona rural, na área agrícola, como na zona urbana [...]” (Eugênio Lyra);

Já quando questionados sobre sua permanência ou saída do campo, as respostas foram variadas. Os que desejam continuar no meio rural fazem esta opção, levando em conta os vínculos criados com os amigos e familiares, as transformações sociais recentes, especialmente no tocante à chegada de novas tecnologias como a *internet* e a melhor qualidade de vida no campo. A qualidade de vida no campo é evidenciada na fala da entrevistada Margarida Maria Alves, ao responder por que ela pretendia permanecer no

campo: “*por gostar, por conviver bem com as pessoas, por gostar de como é a vida, o sossego que a gente tem apesar de tudo a gente tem uma vida sossegada*”.

Por outro lado, os que não querem continuar no campo, justificam que no universo urbano encontram melhores condições de vida: “*eu acho que aqui não têm nada pra me oferecer, então tenho que ir em busca de algo a mais, algo que eu posso me satisfazer futuramente!*”(Josimo Morais Tavares).

Por fim, dois dos entrevistados ainda estão indecisos, mas acreditam que fora do campo possam ter melhores condições de vida.

Acho que é a questão de ter mais oportunidade, [...] você [tem] uma noção que fora da zona rural você tem mais oportunidade, é, mais lugares, mais lugares onde você pode ingressar em uma área, num mercado de trabalho, que vai lhe proporcionar aquilo que você tá procurando (Eugênio Lyra).

Dentre os motivos que obrigariam os jovens a deixarem o campo, os entrevistados apontam a busca de melhores condições financeiras: “*Pode ser uma oportunidade lá na frente na cidade*” (Chico Mendes); “*Pelo motivo de, às vezes não ter o trabalho que lhe agrada, você não conseguir, e, é, se identificar com a área agrícola dentro da área agrícola que te proporcione a desenvolver um bom trabalho*” (Eugênio Lyra); “*Talvez buscar uma melhor renda!*” (Antônio Henrique). Os jovens são unânimes, consideram que no meio urbano conseguiriam melhores oportunidades para suas aspirações de vida.

Nas entrevistas também perguntamos sobre a influência de seus pais na escolha de permanência ou saída do campo. Os jovens revelam que seus pais desejam que eles permaneçam no campo, mas também compreendem as escolhas dos seus filhos, tendo em vista que buscam melhores oportunidades, “*rapaz era que permanecesse no campo, mas o que decidir eles vão ter que aceitar!*” (Josimo Morais Tavares) “*Eles não interferem em nada não, se eu for pra cidade [eles ,os pais] deixa, se for permanecer aqui permanece mesma coisa!*” (Dorothy Stang).

As entrevistas nos apontam para uma dualidade nos projetos de vida dos jovens do campo, “pois enquanto alguns planejam ir para cidade outros planejam permanecer no campo” (MENEZES; SOUZA; PEREIRA, 2012, p. 06). Os que desejam *ficar* querem profissionalizar-se e atuar no campo em atividades não-agrícolas, apenas um dos entrevistados disse que pretende continuar trabalhando na agricultura. Já os que pretendem *sair* não se identificam com o trabalho agrícola e buscam na cidade melhores condições de vida e empregabilidade.



### 3.2.5. Visão política da juventude rural

Os jovens entrevistados são filhos de trabalhadores da agricultura familiar. Neste sentido indagamos sobre as perspectivas políticas destes sujeitos. A pergunta inicial foi se eles costumavam se informar sobre a vida política do Brasil e do mundo por quais meios de comunicação. A maioria deles respondeu ter acesso a jornais, televisão, na conversa com amigos, na escola e *internet*. A princípio eles revelam não se interessar por política: “*primeiramente, eu não ligo pra isso!*” (Chico Mendes); “*por televisão, vejo alguma coisa na internet, mas tipo eu não ligo muito para política, esse lado de me preocupar muito, não me interessar não!*” (Josimo Morais Tavares); “*mais ou menos só mais quando tá bem polêmico, quando têm polêmica na televisão aí, mais até por que eu não sei, eu não entendo muito política não*” (Margarida Maria Alves).

Revelam que costumam criticar as informações que recebem nos meios de comunicação: “*Assisto jornal e televisão, fico meio com dúvida, algumas coisas que acho verdade, mas não dá pra acreditar muito não*” (Chico Mendes). Outro expõe suas opiniões de modo mais detalhado:

“A partir da análise, agente faz uma análise do que nos é proposto, é como se você parasse para observar várias propostas que te apresentam e você tentar dentro daquelas observar uma, que já modificou o meio onde você está e procure a mudar este meio pra melhor, sempre te dando uma expectativa que o lugar onde você vive pode mudar rapidamente” (Eugênio Lyra).

Já no que tange à participação em grupos comunitários, a maioria deles afirmaram participar de grupo juvenil religioso, dos quais dois desses grupos seriam de tipo associativista – ambos exercendo papel na coordenação – como revela a fala da Entrevistada Dorothy Stang: “*eu sou, faço parte do conselho fiscal da associação*”. Nenhum deles relatou possuir vínculo com partidos políticos, sendo que dois afirmaram possuir simpatia pelos respectivos partidos “*PT*” (Eugênio Lyra) “*Acho que pelo PSDB*” (Antônio Henrique).

Perguntamos sobre como eles fizeram as escolhas dos seus candidatos nas eleições passada, “*Procurei observar pela campanha e ver os antecedentes*” (Antônio Henrique); “*Rapaz, através das propostas que passava na televisão, aí fui vendo, nenhum se mostrava muito, mas tive que escolher um, mas os discursos que eles falaram então pensar que ia ser melhor*” (Josimo Morais Tavares); “*Sim, o meu voto foi consciente com base nas propostas deles, foi consciente meus votos todos*” (Margarida Maria Alves); “*meus candidatos não foram o que eu exatamente estava pensando, mas assim em pensar na melhoria do país, aí*

*votei em todos os candidatos de um mesmo partido, no caso pra tentar desenvolver um trabalho*” (Dorothy Stang).

Dentre os principais problemas na região onde residem, eles assinalam a dificuldade de deslocamento nas estradas vicinais que os ligam à sede do município e a outras comunidades, a saúde pública e a segurança: “*A maioria saúde e estrada*” (Chico Mendes); “*Falta de conhecimento, falta de acessibilidade, digamos programas sociais*” (Antônio Henrique); “*estradas, segurança, acho que falta segurança, e é isso, acho que só!*” (Josimo Morais Tavares); “*principal é as estradas não dão acessos a todos os lugares, como deveria ser, e também a segurança que deixa desejar*” (Margarida Maria Alves). De modo mais detalhado, afirma dois dos entrevistados:

Problemas, é, questões de **saúde**, é uma questão bem complicada, é, o município não faz um trabalho aonde possa é, fazer o desenvolvimento da comunidade ou seja na área da saúde que é uma das principais áreas, aonde a própria comunidade não participa das unidades de saúde [...] a questão das **estradas** também é um fator de muita importância, por que isso favorece o deslocamento da comunidade pra a própria sede da cidade e pra outras cidades vizinhas. E a questão é, é, de **segurança** é um problema grande que a comunidade vivencia alguns períodos aonde se têm uma grande vulnerabilidade e também a questão da **educação** que ela precisa ser mais observada pra comunidade ela precisa ter mais um olhar aberto pra o que ta acontecendo”(Eugênio Lyra).

“acho que aqui deveria ter **saneamento básico**, pela questão de ter um número, já mais elevado de pessoas, [...] **centro de informática** para aquelas pessoas que não têm acesso à informação, **calçamento**, mais **médicos** também precisa não só clinico geral, coisa voltada para mais áreas também”.(Dorothy Stang);

Na pergunta seguinte indagamos como a política poderia ajudar a resolver estas questões. Dois caminhos são apontados: o primeiro seria os governantes cumprirem com seus projetos de campanhas eleitorais e o segundo um olhar mais cuidadoso para a zona rural, “*investindo mais na zona rural né, anda muito esquecida*” (Antônio Henrique); “*cumprindo os deveres deles de vereador e cumprindo as promessas*” (Paulo Sérgio Santos); “*fazendo as estradas tudo direitinha, tipo, mandando sempre passando policia por ai, pra ta deixando o lugar mais seguro, e tal, e se for possível até asfaltar as estradas, tudo mais*” (Josimo Morais Tavares);

Eu acho que assim como eles vem prometer, eles deveriam vim olhar pra poder cumprir o que foi prometido, quando eles falam da questão da segurança [...] é isso no caso quando a gente faz um projeto que leva pra lá, acho que eles deveria olhar mais critico, um olhar mais critico um olhar voltado pra pessoas da zona rural que necessita (Dorothy Stang).

Indagamos quais formas coletivas poderiam ajudar a resolver estes problemas. Alguns ponderam que não há o que ser feito, pois não seriam atendidos em suas reivindicações. Outro

expõe que o coletivo já faz o que lhe cabe, e outros consideram que a união em grupos associativistas, religiosos, nos quais desenvolveriam suas pautas poderia pressionar a resolução destas problemáticas. “*Acho que não!*”. (Chico Mendes); “*a comunidade não pode fazer quase nada o pedido não vai valer a pena [...]*” (Paulo Sérgio Santos); “*não, não vejo que tenha... o coletivo pra tentar resolver o problema não*”. (Josimo Morais Tavares); “*Eu Acho com relação ao coletivo o povo já faz, acho que isso faz parte dos governantes, depende mais deles agora!*” (Margarida Maria Alves); “*acho se juntasse um grupo de pessoas e reivindicasse os direitos*” (Antônio Henrique).

[...] a questão da comunidade ela se unir na questão de buscar seus objetivos tanto na em sedes das associações ou na questão religiosa, como também nas próprias prefeituras que é aonde você consegue solucionar o problema da sua comunidade de forma que atende a todo mundo, [...] lugar onde todas as pessoas da comunidade irão se deslocar para a sede do município pra poder conseguir seu objetivos que é melhorar a sua comunidade! (Eugênio Lyra);

Todo fala muito em saber votar no candidato certo, mais têm outra questão também que a gente tem que se unir pra mesmo que não for aquele candidato certo têm que ta unido pra buscar o objetivo, eu acho que deviria, por exemplo, a associação, ta elaborando os projeto ta enviando e sempre cobrando deles (Dorothy Stang);

Outro tema que abordamos nas entrevistas é o lugar do campo na política brasileira. A maioria deles considera que participar da política no campo é mais difícil. Tal como se justifica nesta fala: “*acho! porque sempre o centro das atenções é voltado mais para a cidade que é onde gera mais a renda*” (Antônio Henrique).

Todos consideram que o meio rural é menos valorizado na política brasileira e justificam com os poucos investimentos neste espaço, bem como o lugar ainda não evidenciado do papel da agricultura no desenvolvimento nacional, “*Acho que sim, por que não investe muito aqui, investe mais na cidade!*” (Chico Mendes); “*Por essa questão mesmo, por que sempre a população maior é na zona urbana, do que na zona rural*” (Antônio Henrique); “[...] *acho que a cidade é mais privilegiada pelos políticos, o meio rural é mais excluído*” (Paulo Sérgio Santos); “*eu não digo que é muito menos valorizado, mas acho que sempre fica em segundo plano*” (Margarida Maria Alves).

Atualmente sim! Até por que [...] os próprios moradores que vivem na zona rural eles com certeza vão afirmar isso. Olhando de outro lado, [...]eu acho que essa questão da agricultura, ela não é muito visualizada, um fator que acontece é como se aquele todo problema estivesse resolvido, mas de fato dentro na própria agricultura dentro da zona rural existem vários problemas ainda (Eugênio Lyra);

Por que eu acho que tá meio distante e tudo mais, distante de tudo, tipo, às vezes eles até acham que o pessoal da zona rural é besta, mas não são, mas têm algumas dificuldades, nem todos os lugares, mas têm lugar mais difícil que outros (Josimo Morais Tavares).

Quando eu pergunto qual atuação seria necessária para mudar esta realidade, os jovens dão diferentes respostas, “*os políticos investir mais na zona rural, prestassem mais atenção no que está precisando, ajudar mais*”. (Antônio Henrique);

[...] eu acho modificando o meio, acho que passando a divulgar informações [...] Os próprios políticos da comunidade Eles podem esta participando de reuniões com a comunidade promovendo reunião palestras divulgando as coisas e mostrando é que a zona rural é o principal, principal meio onde move a maioria a maior parte da economia do país, que a parte da alimentação , então eu acho que a zona rural é bastante discriminada e as pessoas não tem em mente o grande valor, a grande importância, que ela tem pra sociedade (Eugênio Lyra);

Rapaz, não sei, tipo até pessoas da zona rural tá em tempo de política tá se candidatando, por eu acho, tipo, quando têm um representante assim, do meio rural fica muito mais fácil, às vezes fica fácil de mostrar lá fora que o pessoal da zona rural têm a valorização, que tipo, através da agricultura, que é cultivada na zona rural que é levada para as cidades, então ai eu acho ai seria um caminho (Josimo Morais Tavares);

“acho que se você partisse da ideia que tanto o campo, quanto a cidade é um dependente do outro, acho que você daria a mesma atenção, porque um sem o outro não vive, o comércio, não vive sem a agricultura e agricultura não vive sem o comércio, então acho que se todo mundo fosse consciente, que nós um precisamos do outro, acho que parte daí (Margarida Maria Alves);

Um dos elementos importantes nesta análise foi a constatação do grau significativo de politização que os jovens entrevistados demonstraram quando tratamos das suas perspectivas políticas. De modo especial, os que participam das associações parecem adotar um tom de discernimento quanto às questões centrais do campo. Em diversas falas é perceptível a consciência social dos jovens no que diz respeito a sua realidade social. Se no início alguns deles afirmaram não se interessar por política, ao final das entrevistas eles contrariam esse pensamento, relevando esforços de tomarem consciência dos problemas econômicos, políticos e culturais do campo e da sociedade brasileira.

### **3.3. Panorama geral das entrevistas: um esforço de síntese**

Os dados expostos anteriormente confirmam a diversidade dos jovens rurais, ao passo que os particulariza em alguns aspectos. As singularidades dos interlocutores desta pesquisa nos aproximam da realidade e abre novas possibilidades de investigação. Aqui faremos uma síntese voltando aos temas que tratamos no item anterior.

Na concepção dos jovens sujeitos de nossa pesquisa a educação possibilita a ascensão social. Todos os entrevistados estudam ou já concluíram o ensino médio, dois deles já estão inseridos no ensino superior e os demais têm a pretensão de cursá-lo. Entretanto, o principal obstáculo para alcançar seus objetivos ainda recai sobre o aspecto financeiro. O ensino superior ainda não é universal, nem todos podem pagar por uma graduação, bancar-se na cidade não está no alcance de uma maioria dos jovens brasileiros. É o que a fala deles revela. Ao se questionar qual a principal dificuldade encontrada para seguir os estudos, a entrevistada Margarida Maria Alves revela: *“é aquela questão financeira, a questão financeira atrapalha um pouco”*.

Os jovens rurais enxergam na educação uma oportunidade de um futuro melhor, com uma boa remuneração e um trabalho que requeira menores esforços físicos, por outro lado eles querem profissionaliza-se e atuar no campo em atividades não agrícolas. Em linhas gerais a educação ganha centralidade para o futuro dos jovens e de seus pais.

Neste contexto, os jovens não apontam o lazer como algo que lhes influenciase a sair do campo. Sobretudo com a chegada de novas tecnologias de informação, os jovens se conectam com diversas realidades sem precisar mais se dirigir aos centros urbanos. Contudo, sabemos que isso não corresponde à totalidade da realidade rural brasileira, pois diversas regiões ficaram aquém do desenvolvimento esperado (PUNTEL; PAIVA; RAMOS, 2011).

As entrevistas confirmaram a importância da agricultura familiar no município. Os entrevistados estão inseridos neste tipo de economia e modo de vida, todos trabalham no campo, de maneira mais ativa no plantio e na colheita. Como já havíamos apresentado no segundo capítulo deste trabalho, Valença possui uma agricultura variada. O cacau, a mandioca e a banana são as culturas mais presentes na vida destes jovens. Todos trabalham com seus pais e ainda não possuem a posse da terra. Dentre os entrevistados a maioria não pretende permanecer na agricultura. Eles almejam um emprego onde possam ser remunerados. A não posse da terra para o cultivo e a busca por trabalho remunerado são duas causas direta da migração destes sujeitos para as cidades.

Os jovens entrevistados revelam ainda, que gostam de viver no campo e mencionam as vantagens de residir neste meio. Não excluindo as dificuldades, segundo eles o que os obrigaria sair do campo é a busca de melhores condições de vida. Há um consenso que na cidade há melhores possibilidades para viver. Essa atração pelo universo urbano como capaz de oferecer maiores oportunidades é um dos fatores fundamentais na discussão sobre migração e êxodo rural.

Entretanto, hoje os jovens se defrontam com uma questão fundamental que seria a constante concorrência no mercado de trabalho, aumentando as exigências de qualificação para assumir bons postos de emprego. Muitos dos que migram acabam não alcançando seus sonhos e passam muitas vezes por dificuldades iguais ou ainda mais difíceis do que a vida no campo. Talvez por isso, repetidamente, a educação foi elucidada como possibilidade de ascensão pelos jovens.

Uma característica que se evidencia na maioria dos sujeitos entrevistados é a consciência da realidade em que vivem. São críticos com as informações que recebem ao passo que demonstram não se levar por propostas de pouco fundamento. Prova disso é expressa na maneira como eles escolheram os seus candidatos nas eleições passada. Um fator que chamou atenção foi o papel da escola como formadora de opinião. Dois jovens, ao serem questionados por quais meios eles se informavam sobre a vida política do Brasil e do mundo, responderam que a escola tem sido para eles, um espaço decisivo de debate da conjuntura contemporânea.

Os jovens revelam nas entrevistas um grau de politização, que me surpreendeu na condição de pesquisador. Suas falas revelam que eles têm um olhar cuidadoso e preocupado da realidade, mesmo nenhum deles estando inserido em um partido específico. Há uma leitura contextual, tanto que localizam o papel do campo na sociedade brasileira e sua situação de inferioridade.

Ao apontar as carências do campo, por exemplo, eles sabem que para transformar a realidade requer um embate, luta pelos direitos, cobrança junto às entidades coletivas, em especial as associações rurais. O senso-comum costuma definir as juventudes atuais como distantes da política. A princípio os dados aqui apresentados desconstruem este pensamento, pois os jovens entrevistados estão atentos a sua realidade e os discursos expostos apontam para esta direção.

Findamos este terceiro capítulo com a fala emblemática de um entrevistado, que expressa a invisibilidade do campo e dos jovens desse meio na sociedade brasileira e abarca todas as categorias discutidas aqui.

Acho que bom, é importante olhar pro lado principalmente da juventude aqui também, não só na cidade mas também no campo dando oportunidade mesmo de conhecer quais são anseios da juventude, mesmo que não façam nada de grandioso, mas que venha pelo menos conhecer quais são os desejos das pessoas que mora aqui, como se realizar profissionalmente sem precisar sair do campo (Margarida Maria Alves).

## À GUIA DE CONCLUSÃO:

“De tudo ficaram três coisas.  
 A certeza de que estamos começando.  
 A certeza de que é preciso continuar.  
 A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar.  
 Fazemos da interrupção um caminho novo.  
 Da queda, um passo de dança.  
 Do medo, uma escada.  
 Do sonho, uma ponte.  
 Da procura, um encontro”!  
 (SABINO)<sup>23</sup>

O estudo aqui evidenciado objetivou investigar as perspectivas políticas dos jovens rurais do município de Valença-BA. Nosso propósito até aqui não foi esgotar este debate, mas forjar possibilidades para futuros trabalhos, como nos diz o escritor Fernando Sabino temos a certeza de que estamos começando e que é preciso continuar.

A literatura apontou que até o ano de 2007 foram publicadas 197 obras que abordavam os jovens rurais, dos quais 40 trabalhos datados no ano de 2006 (CASTRO *et al.*2009). Apesar do aumento significativo de trabalhos nas últimas décadas os jovens rurais ainda se constituem num grupo social invisível na produção de conhecimento, daí decorre a relevância deste estudo na sistematização de dados desta categoria.

Identificamos que estudos que tratam dos jovens do meio rural deparam com uma diversidade de estratos juvenis em que este grupo social se divide. São realidades múltiplas e, por isso, a ausência de uma matriz analítica que seja capaz de dar conta desta pluralidade não nos permite conceituar de modo definitivo estes sujeitos. Entretanto, a literatura específica deste campo de investigações vem nos apontando que suprimir o uso do termo no singular em favor do plural, *juventudes rurais*, é o caminho mais sensato para seguirmos.

Os estudos assinalaram que lidar com estes sujeitos é extrapolar a simples visão dicotômica ou reducionista do rural-urbano, a qual toma o rural como sinônimo de atraso ou pouco desenvolvido. O rural hoje é algo integrado ao urbano, mas não essencialmente uma repetição deste. O rural possui identidades próprias e especificidades que o faz singular, havendo indivíduos que se identificam neste território e elegendo-o como local de permanência. Entender o urbano sem o rural é uma falha metodológica grave nas ciências humanas e sociais.

A bibliografia a que tivemos acesso assinalou que os estudos neste campo perpassam de modo especial pelo tema da migração rural-urbano. Sendo identificadas seis causas

<sup>23</sup> Trecho do 3º capítulo: “O Escolhido”, do livro ‘O Encontro Marcado’ de Fernando Sabino.

centrais que contribuem para a migração dos jovens rurais para as cidades: 1- A limitação do acesso à terra; 2- Projetos individuais de vida; 3- A não conciliação da escolarização com o trabalho; 4- A busca por trabalhos que exigem menos esforços físicos – dada a dureza do trabalho ainda braçal na maioria das propriedades rurais; 5- A concorrência no mercado de trabalho, que exigem profissionais mais qualificados; 6- A atração pelas tecnologias, alternativas de lazer ou atração pelo universo urbano.

Da aproximação com o campo não identificamos nenhuma sistematização sobre a realidade do município de Valença. Por esta razão optamos por uma pesquisa de caráter exploratório e de cunho qualitativo. Os dados aqui sistematizados foram colhidos no contato com sete jovens rurais desta realidade. Eram em sua maioria estudantes, que trabalham na agricultura familiar, com renda familiar aproximada entre um e dois salários mínimos.

A análise categorial das entrevistas semi-estruturadas se baseou em cinco temas centrais, cujas falas dos sujeitos participantes nos forneceram elementos para questionar os pontos de partida e pressupostos da nossa investigação. São esses os temas: educação, lazer, trabalho, cidade versus campo e visão política.

Os jovens entrevistados apontam a educação como perspectiva para alcançar melhores condições de vida. A principal razão, segundo estes jovens, que os levariam a deixar o campo seria a busca de oportunidades trabalhistas e educacionais. A investigação confirmou a importância da agricultura familiar no município. Uma característica que se evidencia na maioria dos sujeitos entrevistados é a consciência da realidade em que vivem e são críticos com as informações que recebem.

Caberia, ainda, apresentar algumas hipóteses levantadas para um aprofundamento em trabalhos futuros. A primeira delas seria a de que a juventude em foco não tem o lazer como relevante na escolha de sua permanência campo. Isso contraria a nossa pressuposição inicial ou pelo menos contesta a ideia surgida em outras pesquisas de que a busca por novas alternativas de lazer no ambiente urbano seria um fator de expulsão do campo. A nossa hipótese nesse aspecto seria, portanto, de que o lazer como fator de expulsão poderia estar, na verdade, ligado a outras variáveis. Para provar tal hipótese, necessitaríamos de uma pesquisa mais ampla de caráter quantitativo e por amostragens representativas da população rural.

Uma Segunda hipótese, os jovens envolvidos mais diretamente em movimentos sociais e grupos religiosos apontam com maior clareza os problemas do campo e suas soluções, do que os demais entrevistados. Percebemos essa maior clareza na forma como eles procuram se informar e no modo como eles estabeleceram relações entre a situação do campo



e o cenário político nacional. Essa hipótese precisaria, no entanto, ser aprofundada com futuros trabalhos de investigação.

E a terceira, a inexistência de políticas sociais que incentivem a permanência dos jovens na agricultura familiar seria fruto, não apenas da invisibilidade da categoria jovem numa sociedade dominada pelo patriarcalismo e pela dominação das gerações socialmente definidas como adultas e responsáveis, mas também e, sobretudo, desses jovens serem filhos de trabalhadores de baixa renda. Essa última hipótese procura estabelecer mediações entre a temática das juventudes no plural e a questão social básica da contradição entre capital e trabalho.

Por fim, caberia reafirmar a necessidade de novos estudos, em especial no Serviço Social que evidenciem as juventudes rurais, dando-lhe vez e voz. Levando em conta que até o ano de 2004 foram identificados apenas 04 trabalhos sobre a juventude rural nesta área de pensamento (WEISHEIMER, 2005). No que tange ao Serviço Social enquanto fazer profissional que lida diretamente com as políticas sociais, este trabalho sugere uma apropriação deste campo, sistematizando conhecimentos e propondo novas políticas sociais que garantam a permanência dos jovens no campo.

Nosso esforço aqui consistiu em evidenciar a diversidade e a riqueza destes sujeitos, que não nos permitem reduzi-los ou generalizá-los como iguais. Fica-se claro o empenho dos autores que rompem a condição de invisibilidade, relegada por muito tempo a este campo temático, propondo caminhos metodológicos de investigação para as particularidades dos jovens rurais e forjando a necessidade de um debate político amplo que garantam os direitos de permanência no campo.

Concluindo, deixo a frase de autoria desconhecida, mas que reflete bem o nosso caminho até aqui, "o conhecimento é a única riqueza que quando é dividida, automaticamente se multiplica".

## REFERÊNCIAS:

AQUINO, Luseni. Introdução: a juventude como foco das políticas públicas. In: **Juventude e políticas sociais no Brasil**. CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (organizadores). Brasília: Ipea, 2009.

BAHIA. SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA-SEL. **Sistema de informações municipais**. Disponível em: <[http://sim.sei.ba.gov.br/sim/informacoes\\_municipais.wsp](http://sim.sei.ba.gov.br/sim/informacoes_municipais.wsp)> . Acesso em: 04 abr. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. (tradução) Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTONCELLO, Andressa; ROSSI, Adriana May; BADALOTTI, Rosana Maria. juventude rural, movimentos sociais e subjetividades: compreendendo estas interfaces no processo de reprodução social da agricultura familiar. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2., **Anais...** Florianópolis: UFSC,2007.

BRASIL. ESTATUTO DA JUVENTUDE 2013: Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, e legislação correlata. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 37 p. – (Série legislações, nº 109).

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. **Panorama municipal**. Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/portal/municipal>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS -IBGE. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS -IBGE. **Censo agropecuário 2006**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS -IBGE. **Histórico do município**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS-IBGE. **Informações completas Valença-Bahia**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS -IBGE. **Produção agrícola municipal lavoura permanente 2013**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICAS -IBGE. **Produção agrícola municipal lavoura temporárias 2013**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

CAMARGO, Orson. **Classe social.** Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/sociologia/classe-social.htm>>. Acesso em: mar. 2015.

CARVALHO, Daniela Moreira; SANTOS, Alyson Brayner; JÚNIOR, Jalmir Pinheiro Souza; FERRER, Moises Tenorio. Perspectivas dos jovens rurais: campo versus cidade. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia Administração e Sociologia Rural, 47., 2009. *Anais...* Porto Alegre: SOBER, 2009.

CASTRO, Elisa. Guaraná de. Et Al. **Os jovens estão indo embora?:** juventude rural e a construção de um ator político. – Rio de Janeiro: Maud X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

CASTRO, Elisa. Guaraná de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. In: **Revista latinoamericana de ciências sociais niñez juventude** 7(1). Disponível em:< <http://revistaumanizales.cinde.org.co/index.php/Revista-latinoamericana/article/view/223>>. (p.179-208), 2009.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES E LOGÍSTICA (CNTTL). **51 milhões dos brasileiros são jovens, aponta Censo IBGE, nove em cada dez responderam que podem mudar o mundo.** Publicado em: 15/04/2014. Disponível em: <<http://cnttl.org.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

DEEPASK. **A população e a densidade demográfica do seu município.** Disponível em: <<http://www.deepask.com/goes?page=Confira-a-populacao-e-a-densidade-demografica-do-seu-municipio>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

ESTEVES, Luiz Carlos Gil; ABRAMOVAY, Miriam. Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas Mesmas. In: ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes:** outros olhares sobre a diversidade,– Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007.

FAEB. **Território de Identidade:** Baixo Sul. Disponível em: <<http://www.faeb.org.br/perfil-de-territorios/baixo-sul.html>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil. In: **Juventude e sociedade:** trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

GAVIRIA, Margarita Rosa; MENASCHE, Renata. A Juventude Rural no desenvolvimento territorial: da posição e do papel dos jovens no processo de transformação do campo. **Estudos e debates,** Lajeado, v. 13 n. 3, p.69-82, 2006.

GIDDENS, Anthony. Classe, estratificação e desigualdades. In:\_\_\_\_\_. **Sociologia.** Tradução Sandra Regina Netz. – 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 233-253.

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: **Sociologia da juventude I.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, vol. I, 1968.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: **Juventude e sociedade:** trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa em enfermagem. In: **Rev. gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.20, n. esp., p.130-142, 1999.

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. **Juventude e projeto de vida:** novas perspectivas em orientação profissional. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br>> Acesso em: mar. 2015. (2011).

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna In: **Sociologia da juventude** . Rio de Janeiro: Zahar Editores, vol. I, 1968.

\_\_\_\_\_. O problema sociológico das gerações In:\_\_\_\_\_. Organizadora [da coletânea] Marialice Mencareni Foracchi; Tradução Emílio Willians, Syvio Uliana e Cláudio Marcones; seleção e revisão técnica da tradução Florestan Fernandes. **Sociologia**. – São Paulo: Ática, 1982. p.67-95.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. **O conceito de espaço rural em questão**. São Paulo: Terra Livre. Ano 18, n. 19 jul./dez. 2002. p. 95-112.

MENEZES, Anizia Eduarda Nergues; SOUZA, Bruna Silva de; PEREIRA, Viviane Souza Santos. Perspectivas da juventude rural no ensino superior. In: **VI colóquio internacional de “educação e contemporaneidade”**. São Cristovão- SE: 2012.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PNDU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **IDH por município e estado**. Disponível em: < <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/download/>> acesso em 29 mar.2015.

PNUD; IPEA; FJP. **Atlas do desenvolvimento humano no brasil**. Disponível em: <[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/valenca\\_ba](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/valenca_ba)>. Acesso em: 14 marc. 2015.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: **Juventude e sociedade:** trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

PUNTEL, Jovani Augusto; PAIVA, Carlos Águe do Nagel; RAMOS, Marília Patta. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. In: Circuito de Debates Acadêmico, 01. **Anais...** Brasília: CODE, 2011.

RIBEIRO, Renato Janine. Política e juventude: o que fica da energia. In: **Juventude e sociedade:** trabalho, educação e participação. Organizadores: Regina Novais e Paulo Vannuchi. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 19-33.

SANTOS, Francisco Givanildo dos. Educação, trabalho e capitalismo no campo. In: **Anais...** VI seminário de Trabalho Marília- SP, 2008.

SILVA, José Ribeiro da; JESUS, Paulo de. Juventude rural e agricultura familiar: os determinantes dos processos migratórios e os desafios para a preservação da agricultura familiar. In: **Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural**, 8., Porto de Galinhas, 2010.

SOUSA, Cláudia Pereira de. **Análise socioambiental do município de Valença – Bahia.** Salvador, 2006. 140 f.: Il. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, 2006.

SUSTAITA, Edmundo. A juventude rural nos países desenvolvidos e em via de desenvolvimento. In: **Sociologia da juventude I**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, vol. I, 1968.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; FREIXO, Alessandra Alexandre. Pelos campos da juventude rural: educação e inserção profissional no semiárido baiano. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 11., **Anais...** Salvador: UFBA, 2011.

UFAM. **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TCLE**. Disponível em: <<http://www.cep.ufam.edu.br/index.php/tcle>>. Acesso em 29 abr. 2015.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: FLACSO BRASIL, 2014.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes Rurais: Mapa de Estudos Recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

**APÊNDICES:****ROTEIRO DE ENTREVISTA****I- PERFIL SOCIOECONÔMICO**

1. Nome?
2. Qual sua Idade?
3. Qual é seu Estado civil?
4. Tem filhos? Quantos?
5. Local de Nascimento?
6. Qual a Renda Familiar aproximada?
7. Possui residência própria ou mora com seus pais?
8. Qual o nível de escolarização de sua mãe?
9. Qual o nível de escolarização de seu pai?
10. Possui televisão em sua casa? Quantas?
11. Possui computador em sua casa? Quantas?
12. Você trabalha? Onde? É remunerado?

**II- FORMAÇÃO ESCOLAR:**

1. Qual o seu nível de escolarização?
2. Pretende continuar seus estudos? Se não por qual motivo?
3. Se pretende continuar os estudos, quais são seus projetos? (questionar as escolhas\*)
4. Quais as principais dificuldades, que você tem encontrado, para continuar seus estudos?

**III- TEMPO LIVRE E LAZER:**

1. Quando não está trabalhando ou estudando como você utiliza seu tempo livre?
2. Qual ou Quais atividade ou atividades você gostaria de fazer no seu tempo livre, mas a vida no campo não permite?
3. Qual ou Quais atividade ou atividades de lazer você acha que lhe ajudaria a enriquecer suas informações e sua formação cultural?
4. Você aproveita destas atividades? Com que frequência?
5. Você acredita que fora do campo você teria acesso a quais atividades?
6. O acesso à algumas destas atividades de lazer influencia no seu desejo de sair ou permanecer no campo?

**IV- TRABALHO NO CAMPO**

1. Se você trabalha que tipo de trabalho exerce?

2. Se trabalha no campo você pretende permanecer nesta atividade?
3. Se seu trabalho é remunerado, como você destina o dinheiro que recebe?
4. Se você estuda, como concilia os estudos com o trabalho?
5. Se você exerce atividade não agrícola, quais motivos lhe levou a trabalhar fora do campo? Você já trabalhou no campo alguma vez? Se já trabalhou no campo que tipo de trabalho prefere?
7. Que tipo de trabalho agrícola ou não agrícola lhe permitiria alcançar seus objetivos?
8. Como é a sua relação com seu empregador? (Se trabalha com os pais sabe da relação de trabalho na família\*).

#### **V- PERSPECTIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO OU SAÍDA DO CAMPO**

1. O que você acha da vida no campo?
2. Você pretende permanecer no campo? Quais os motivos?
3. Seus pais influenciam no seu desejo de permanecer ou sair do campo?
4. Se você deseja permanecer no campo, que motivos te obrigam a deixar o meio rural?
5. Você acha que outros locais lhe oferecem maiores oportunidades para as suas aspirações de vida que não o meio rural?

#### **VI- A VISÃO POLÍTICA DO JOVEM RURAL**

1. Como você costuma se informar sobre a vida política do Brasil e do mundo?
2. Como você costuma filtrar e criticar as informações que você recebe? e vê na televisão?
4. Você participa de alguma atividade comunitária, seja ela, religiosa, associativista, sindical, etc. Como é a sua participação nestas atividades? Se não, quais motivos não leva a sua participação nestes espaços?
5. Você é filiado ou tem simpatia por algum partido político?
6. Se você votou nas últimas eleições, como você escolheu os seus candidatos?
7. Quais problemas você percebe na sua região?
8. Como a política poderia ajudar a resolver estes problemas?
9. Quais formas coletivas de participação ajudariam a resolver estes problemas?
10. Você considera que a participação política no meio rural é mais difícil? Por quê?
11. Você acha que o campo é menos valorizado na política brasileira? Por quê?

12. Se você acha que o campo é menos valorizado e é discriminado, que tipo de atuação seria necessária para mudar esta realidade?

13. Você gostaria de acrescentar alguma opinião ou uma questão sobre este assunto ( a visão política da Juventude Rural ) que deixou de ser questionada?



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)****TERMO DE CONSENTIMENTO**

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, da Pesquisa cujo título preliminar é “*A visão política da juventude rural no município de Valença – BA*”. A pesquisa constitui-se de um Trabalho para Conclusão do Curso de Bacharelado em Serviço Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB.

Eu \_\_\_\_\_, declaro que estou ciente da minha participação na pesquisa com o título acima citado que tem como objetivo principal compreender a visão política da juventude rural no município de Valença Bahia.

A minha participação será registrada através da gravação de uma entrevista. Fica acordado que a minha identidade será inteiramente preservada e que as informações por mim fornecidas serão exclusivamente utilizadas para fim de pesquisa científica. Os resultados do estudo serão divulgados em congressos, publicações científicas e/ou publicações de modo geral.

Estou ciente de que tenho total liberdade de não responder a determinadas questões, tirar dúvidas durante o processo de estudo, excluir do material da pesquisa informação que tenha sido dada ou desistir da minha participação em qualquer momento da pesquisa, exceto após a publicação dos resultados. Também posso recusar e/ou retirar este consentimento, informando aos pesquisadores, sem prejuízo para ambas às partes a qualquer momento que eu desejar.

Consentimento Livre e Esclarecido em participar da pesquisa. A minha participação é formalizada por meio da assinatura deste termo em duas vias, sendo uma retida por mim e a outra pela pesquisadora.

Valença - BA, \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_\_\_.

Participante - Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Pesquisador - Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

